

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

“AMOR, VAMOS APIMENTAR A RELAÇÃO”?
UMA NARRATIVA SOBRE A PRÁTICA DO *SWING EM ALAGOAS*

EVALDO VESPASIANO

MACEIÓ

2023

EVALDO VESPASIANO

“AMOR, VAMOS APIMENTAR A RELAÇÃO?”

UMA ETNOGRAFIA SPBRE O *SWING* EM ALAGOAS

Trabalho de Conclusão do Curso, apresentado
para obtenção do grau no Curso de Ciências

Orientador(a): Prof. Dra. Nádia Elisa Meinerz

MACEIÓ

2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Jone Sidney A. de Oliveira – CRB-4 – 1485

V579a Vespasiano, Evaldo.

“Amor, vamos apimentar a relação?” uma narrativa sobre
a prática do swing em Alagoas / Evaldo Vespasiano. – 2023.
57 f. : il.

Orientadora: Nádia Elisa Meinerz.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais:
Licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências
Sociais. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 55-57.

.

1. Swing – Moralidade. 2.. Sexualidade - Alagoas. 3. Gênero. I.
Título.

CDU: 316.62

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus a minha família que sempre esteve me apoiando, me deixando tranquilo nas minhas escritas, meu filho em especial que me ajudou muito a usar as plataformas de pesquisas, a minha mulher que mesmo sabendo sobre o tema num primeiro momento achou que estava querendo me relacionar com este tipo de gênero, e depois entendeu, a minha mãe que nesses anos todo de universidade esteve muito adoentada, e veio infelizmente a falecer o que quase me fez desistir de continuar os estudos e mesmo tendo que interromper minhas pesquisas para ser cuidador de sua enfermidade durante meses em outro estado, ela sempre ficava preocupada e dizia para continuar.

Aos meus colegas de disciplina que sempre que puderam me ajudaram em especial Fábio Santos, mestre em sociologia e membro imortal da academia maceioense de letras, ao amigo Pierre D'Almeida, professor de teatro formado pelo curso de teatro licenciatura UFAL, com especialização em arte educação e sociedade pelo CESMAC Maceió e João Santos, que nesse momento de dor estavam me consolando e incentivando com o trabalho e por fim a minha Orientadora Doutora Nádia Meinerz na qual desde o segundo semestre na sua disciplina de Antropologia me incentivou a pesquisar sobre o tema gênero e sexualidade e que teve uma paciência digna de sua pessoa, por tudo que estava passando, compreendendo a falta de cumprimento dos deveres na data por ela programada e toda sua orientação para que meu trabalho fosse finalizado.

AGRADECIMENTOS

A todos citados na minha dedicatória e aos docentes, diretor, coordenador, funcionários da secretária em geral nesses anos de estudo na Universidade Federal de Alagoas que desde meu ingresso em 2013 foram de bastante valia no suporte técnico administrativo e pedagógico para poder suportar a carga horária às vezes sobrecarregada pelo trabalho, família e por estar ingressando na minha primeira Universidade com 56 anos e estar longe de uma sala de aula desde os 20 anos para ir suportando todo esse processo que uma Universidade Federal faz ter uma dedicação exclusiva e intensa.

Logicamente alguns Docentes são em especial, como o professor Júlio, a professora Fernanda Rechenberg, a professora Jordânia, o professor Ranulfo Paranhos, ao professor Arim do Bem e a professora Luciana Santana, todos sempre solícitos nas minhas dúvidas quanto as disciplinas que lecionava e por fim o próprio Instituto de Ciências Sociais (ICS) e Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e seu staff acadêmico que quando mais precisei pelo motivo de me ausentar para cuidar da minha mãe compreenderam a situação que passava e mesmo tendo quase sido jubilado por causa do prazo vencido foram justos acreditaram e prorrogaram minha estada para o termino do trabalho.

“falar de pornografia é quase tão difícil quanto falar de Deus”

Henry Miller

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – Prática do *swing*

- 1.1 – Aproximação do tema *Swing*.....pg.09**
- 1.2 – *Swing* uma questão de pesquisa..... pg.12**
- 1.3 – O *swing* como *performance* da Monogamia..... pg.16**

CAPÍTULO 2 – HETEROSSEXUAL OU ILEGÍTIMO?.....pg.18

- 2.1 – Por Dentro do *Sexlog*.....pg.18**
- 2.2 – O Mundo “liberal” e suas possibilidades.....pg.21**
- 2.3 – Participantes da Pesquisa.....pg.25**
 - 2.3.1 – Roteiro de perguntas.....pg.26**
 - 2.3.2 – Perfil sociológico dos participantes da entrevista.....pg.26**

CAPÍTULO 3 – HETERO SEXUAL E SUBVERSIVO?.....pg.28

- 3.1 – *Swing* na era Farmaco-Pornográfica.....pg.28**
- 3.2 – Adultério Consentido.....pg.31**
- 3.3 – Diferenças de Gênero..... pg.34**

CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E ENTREVISTAS.....pg.39

- CONCLUSÃO.....pg.55**
- REFERÊNCIAS.....pg.56**

RESUMO

Este estudo tem como tema se aproximar, compreender e demonstrar como se comportam casais heterossexuais na prática do *swing* no Estado de Alagoas, bem como identificar as experiências desses casais neste tipo de interação. Contudo, tem como objetivo relacionar como esses casais se relacionavam antes num casamento monogâmico e como se relacionam depois de se inserir na prática do *swing*. Para tanto, foi utilizado como método de coleta de dados, a referencia de Olívia van der Weid em duas de suas obras em “Adultério Consentido(2008)” e “Perdoa-me por te trair (2019)”, o diário de campo no primeiro momento e num segundo momento as gravações com os interlocutores em entrevistas presenciais e *on-line*, na plataforma do *Sexlog*, a participação dos casais no que eles consideram o mundo liberal sendo as diferenças de gênero e sua importância nessa relação Dessa forma chega aos resultados da pesquisa com um quadro do perfil sociológico dos interlocutores e as entrevistas de quatro casais relatando como foram suas trajetórias desde o casamento, a convivência nesses anos de um casamento monogâmica, as traições e enfim chegarem a um consenso de adentrar a prática do *swing*.

Palavras chaves: *swing*, moralidade, sexualidade, gênero, Alagoas.

ABSTRACT

The theme of this study is to approach, understand and demonstrate how couples behave in the practice of swing in the State of Alagoas, as well as to identify the experiences of these couples in this type of interaction. However, as an objective to relate how these couples related before in a monogamous marriage and how they relate after entering the practice of swing. For that, it was used as a method of data collection, the reference of Olivia van der Weid in two of her works in *Adultério Consentido* and *Perdoa-me por te traír*, the field diary in the first moment and in a second moment the recordings with the interlocutors in face-to-face and online interviews, on the Sexlog platform, the participation of couples in what they consider the liberal world to be gender differences and their importance in this relationship. and the interviews of four couples reporting how their trajectories have been since the wedding, living together in these years of a monogamous marriage, the betrayals and finally reaching a consensus to enter the practice of swing.

Keywords: swing, morality, sexuality, gender, Alago

CAPITULO 1 - PRÁTICA DO *SWING*

1.1 APROXIMAÇÃO DO TEMA *SWING*

Neste capítulo desenvolverei o interesse na pesquisa sobre *Swing*, que pode ser descrito como uma prática de troca de casais para fins de interações sexuais ou seguindo a leitura de Olívia Von der Weid (2008) uma forma de adultério consentido, considerando que grande parte dos praticantes está inserida no contexto de conjugalidade. Além disso, apresento a trajetória que percorri e a metodologia que aplico para discorrer aspectos que envolvem o tema de sexualidade, mas também a discussão sobre “emoções”, um campo da Antropologia em diálogo com a antropologia urbana, área com a qual mais me identifiquei enquanto cursava a Licenciatura de Ciências Sociais.

Muito antes de fazer a graduação, fazendo um *remake* de minha aproximação pessoal com o assunto, havia uma curiosidade bastante recorrente entre outros homens da minha geração, em folhear revistas de sexo. Como por exemplo, a primeira delas ELE/ELA, uma revista da década de 80, que teve uma enorme circulação por todo o país. Em especial no ano de 1988 comecei a ter interesse por essa revista citada e a consumir procurando em suas últimas páginas de cores amarelas, onde se encontrava diversos anúncios de casais, homens, mulheres, homossexuais, enfim de vários gêneros, procurando encontros para fins sexuais e me inteirar de todo processo de escrita que havia nos seus respectivos anúncios, a fim de rapidamente usar a mesma linguagem no caso de achar uma proposta que poderia me enquadrar.

Nesse espaço aberto, os integrantes descreviam suas preferências eróticas, suas características físicas como idade, peso, altura e, explicitamente posições sexuais desejáveis. Havia também a exigência de enviar fotos, de corpo inteiro ou somente dos órgãos genitais, havia a obrigatoriedade de ter caixa postal adquirida no Correio, por causa da descrição e do anonimato.

Já nessa época, ficava imaginando como poderia existir esse tipo de prática numa sociedade em que o casamento era uma parceria afetiva com regras tanto civil como religiosas, em que o adultério em poucas décadas atrás seria considerado crime passível de punição. Era um momento que poderia ser descrito como de “evolução” nos costumes, a possibilidade de separação entre os casais, chegando ao divórcio como oficialização civil da possibilidade de dissolução da conjugalidade.

Ele era aplicado tanto para um como outro dos cônjuges, porém as mulheres eram sempre vistas de uma maneira diferente dos homens, também nessa esfera do mercado do sexo. Mesmo

quando esta relação da traição dos homens, não provocava um rompimento do casal, neste caso haveria um acordo para com os tais anúncios transformar numa relação aberta em que o homem dividia sua mulher com outros casais, ou mesmo com um homem ou mulher, passando para um estágio em que esse próprio acordo oficializasse a traição de uma maneira que o casal pudesse compartilhar com outros casais um momento de confiança e prazer.

Neste momento, depois de ver em quase todas as revistas sobre sexo e encontros, sendo a mulher exposta como chamativo para o público masculino em sua maioria como consumidor da revista e também preferido entre os casais com fotos da esposa em poses explícitas, com lingerie ou outro acessório nos anúncios. Comecei a enviar cartas para as caixas postais indicadas, na qual acreditava me encaixar nas propostas, o alvo eram cidades próximas de onde residia, no caso Maceió e algumas para Recife e Aracaju, porém é importante destacar que os anúncios em sua maioria eram de São Paulo e Rio de Janeiro.

Em minhas lembranças foram cinco cartas, detalhando meu aspecto físico, cultural e emocional, não obtive resposta de nenhuma delas num primeiro momento, até que depois de algumas cartas, em especial quando descrevi que morava só e que poderia receber pessoas para o encontro, um casal de Maceió me respondeu dizendo que gostaria de manter um contato comigo, enviaram o número de contato e horário que poderia encontrá-los, o nome no anúncio era Adão/Jane, casal de 40/35 anos, com filhos, que estavam a procura de casais, homens e mulheres, para um encontro sem envolvimento financeiro e emocional, somente sexo.

Confesso minha ansiedade em telefonar, fiquei em dúvida sobre levar adiante o encontro. Será que realmente era isso que procurava? Sair com um casal, para o marido ver outro homem com sua mulher? Até aí o que conhecia do mundo liberal, uma prática em que o casal pode se envolver com outras pessoas com o consentimento de ambos, era o que via nas revistas nas reportagens nelas sobre essa troca de casal, *ménage* e todas essas práticas deste liberalismo sexual. De fato nunca tinha conhecido no meu rol de amizades alguém que se propusesse a falar sobre o assunto ou mesmo que praticasse, estamos falando de quatro décadas atrás, na minha visão era uma coisa diferente, excitante, mas também cheia de preconceitos e receios sobre estar colocando em risco, de alguma forma a minha segurança.

Houve o contato telefônico, depois de alguma forma eu me prevenir com a segurança e marcamos em um quiosque na beira da praia perto da minha casa, por ser um lugar público me sentiria mais seguro e no caso deles também foi aceito para um início de conversa sobre nossos interesses afins e para gerar uma confiança.

Enfim, o encontro aconteceu de modo bem descontraído, o casal muito resolvido no que queriam propor e percebi que no caso seria um *ménage* que deveria haver um acordo mutuo

deles, mas em especial como o marido mesmo enfatizou que dependeria mais da empatia e da aprovação da esposa em aceitar esse encontro. Ele me deixou sozinho com ela por alguns minutos para conversarmos o que procuravam nesse tipo de relacionamento o que eu também gostaria, apesar de ser a primeira experiência no tal mundo liberal que entendesse que seria só um relacionamento sem envolvimento emocional, por eles terem família e que a descrição era primordial para eles.

Foi uma experiência proveitosa no âmbito do que procurava. Houve outros encontros e desenvolvemos inclusive uma amizade a partir desse envolvimento que inicialmente não tinha essa conotação. Apresentaram-me outro casal que mantinham práticas de swing, ingressei numa espécie de grupo fechado de casais em sua maioria na mesma faixa etária deles. Mesmo depois que me mudei para São Paulo em 1989, continuei a me corresponder por intermédio das revistas, mas, por não morar mais sozinho acredito que se tornou inviável alguns contatos reais com eles.

A proximidade com esse universo se mantém, mesmo quando volto pra Maceió em 1991, casado, sem deixar de folhear essas revistas, mas sem procurar encontros. Nessa época eu costumava ler os relatos em contos sobre os encontros de casais que ali constava. Em 2012 encontrei um site de relacionamento, o site *Sexlog.com* indicado por um amigo no qual tinha confidenciado minha experiências anteriores, e que ele participava não como casal, mas sim um hetero *single* como um homem solteiro interessado em casais que procura esse tipo de relacionamento.

Inscrevi-me na condição de usuário e fiquei observando que nos tempos da *internet* havia evoluído, em comparação com as revistas, a caixa postal agora era substituída pela assinatura do site, as fotos eram mais explícitas, havia um perfil mais detalhado, informando idade, detalhes dos fetiches, a informação sobre os casais eram mais instigantes e logicamente com o advento da tecnologia agora poderíamos ver os vídeos postados por casais, homens e mulheres enfim, um mundo novo para quem queria participar desse grupo conhecido como “mundo liberal”.

Comecei a me familiarizar com o site e a receber visitas e solicitação de amizades, principalmente de casais da minha região em especial do estado de Alagoas e Maceió, mas encontros reais ficavam um pouco difícil, por eu estar casado e a esposa não participar e reprovar esse tipo de relacionamento, mesmo com algumas investidas minhas sobre o assunto sempre havia aquele comentário de reprovação que um casal que participava desses encontros não se amava, era falta de respeito, era coisa de marido corno ou de mulher que não pensava na família, nos filhos, etc.

Quando havia alguma proposta para encontros reais, os horários não coincidiam e a falta de um local próprio para o encontro fazia muita diferença, por ser um usuário *single* havia

algumas exigências, como pagar a conta do motel, levar presentes, lingerie e em alguns casos o tal chamado “mimo”, que seria presentear, que seria um jeito de alguns casais ou mulheres usam para acobertar um pagamento pelo encontro, porque o *site* proíbe garotas de programa, que quando são descobertos ou denunciados pelos usuários o perfil é bloqueado, mas que não adianta muito porque o próprio usuário faz um outro perfil com outro nome e continua a utilizar o site.

1.2 *SWING* COMO UMA QUESTÃO DE PESQUISA

Enquanto objeto de pesquisa, comecei a fazer uma aproximação já em 2013 na disciplina de antropologia, logo no início da Licenciatura em Ciências Sociais. Passei a abordar o assunto a partir de indagações como: quantos homens e mulheres não se perguntaram se seus parceiros não os traem? Quantos já se imaginaram, pelo menos por um momento, traindo seus maridos, esposas, namorados ou namoradas? Eram as mesmas indagações que os sexólogos, psicólogos afirmam serem comuns no imaginário popular e que podem se concretizar sem que o ato signifique traição, desde que a relação extraconjugal tenha o consentimento do verdadeiro amor e inclusive na sua presença.

Nesse sentido, a contribuição seria trazer mais elementos a partir da experiência dos praticantes que pudesse explorar a “naturalidade” no qual alguns casais aceitam o termo com que esse tipo de prática é vivenciado por alguns casais. Uma situação que aos olhos de muitas pessoas podem parecer devassa, especialmente diante dos dogmas religiosos ou da tradição monogâmica, mas que é encarada de uma forma extremamente positiva para seus relacionamentos pelos praticantes do Swing.

Nesse momento, meu interesse se desloca da participação nesse tipo de prática para a intenção de compreender o porquê esses casais são adeptos deste tipo de prática sexual, quais aspectos da sua vida conjugal os fazem se interessar e se engajar efetivamente neste tipo de experiência e, de que modo isso interfere no seu relacionamento sexual e afetivo.

Procurei pesquisar sobre Boates, Bares e Casais que são frequentadas por casais praticantes de Swing em Alagoas. Encontrei uma reportagem de um jornal local sobre uma determinada casa e entrei em contato pelo site. Obtive a resposta três dias depois. No *e-mail* enviado expliquei que era um estudo de um graduando em Ciências Sociais, na disciplina de Antropologia de pesquisa da sociedade e de seus comportamentos, puramente científico, aonde seriam preservados nomes, sem fotos ou escritas, seria um trabalho de observação no primeiro momento e se algum casal se interessasse em dar seu depoimento ficaria a cargo deles.

Pediram-me um documento da instituição para comprovar meus estudos e um numero telefônico. No ano de 2014 aconteceu minha primeira entrevista com um casal de meia idade, que me relatou sobre a existência de uma casa de Swing em Maceió. Usarei nomes fictícios que os próprios usavam para encontros Rafael e Geni. O marido com 51 anos, branco, nível superior em Administração, nascido e se criado em Minas Gerais como ele fez questão de acentuar, profissional liberal do ramo de imóveis. A esposa 47 anos, morena como mesma frisou, da cidade de Penedo, formada técnica em enfermagem. Há alguns anos não exercia a profissão por causa dos dois filhos e da excelente condição financeira do marido. Moravam no bairro da Pajuçara num apartamento a beira mar.

Relataram-me como iniciaram depois de estarem casados por 25 anos filhos já criado sendo o mais velho já casado também e a filha morando no exterior. O casamento começou a entrar numa rotina que para eles seria como outro casal qualquer, tiveram momentos de crise quando Geni descobriu uma traição. Quase se separaram, mas pensando na família resolveram continuar juntos até que certo dia Rafael viu uma entrevista em um programa de televisão um casal que passou pelo mesmo problema dele, com traições e que estavam agora vivendo nesse ambiente liberal de troca de casais em casas de *swing*. Resolveu mostrar para a mulher, que no começo achou um absurdo, mas com sua insistência resolveram participar apenas como observadores em uma casa de *swing* que descobriram em Maceió, que só abria em dias específicos de sexta a domingo ou em algumas festas esporádicas.

Descreveram-me como era seu espaço físico e também explicaram sobre uma lista de regras que deviam ser respeitadas por aqueles que se interessam em participar. O espaço é reservado somente a casais e alguns dias específicos é permitido levar um acompanhante tanto masculino como feminino. A casa ficava no litoral sul de Alagoas, em um lugar bem remoto e deserto, com piscina, quartos, bar, pista de dança e um *pole dance* onde algumas mulheres se exibem fazendo sexo ao vivo com rapazes e *strip-tease*. No espaço também havia garçonetes, segurança e uma proibição do uso de qualquer aparelho de filmagem. Segundo Rafael e Geni essa regra não era muito respeitada, mas havia uma espécie de pacto e respeito nas vontades de cada participante.

Segundo Rafael ficaram bem a vontade no lugar porque perceberam que não havia nenhum tipo de “aberração”, como pensavam. A maioria dos casais tinha uma faixa etária parecida com a deles e nas abordagens que tiveram com outros casais eles expunha que eram iniciantes e que naquele momento estavam interessados apenas em observar. Depois desse primeiro contato o interesse deles aumentou e começaram a abordar mais o assunto a se interessarem pelos sites de encontros e que deveriam sempre respeitar um o limite do outro e

sempre com o consentimento dos dois iriam participar desses encontros e que a preferencia sempre fosse por casais da faixa etária deles. Ficaram alguns meses amadurecendo a ideia de participar de um primeiro encontro, mas ainda inseguros em se relacionar com algum casal da região por causa da descrição e que, apesar de Maceió ser uma capital, Rafael e Gina achavam que ainda seria perigoso nesse momento qualquer abordagem.

O desafio a partir dessa primeira incursão num método de pesquisa etnográfica com diário de campo e perguntas semiestruturadas, seria definir um universo em torno do qual pudesse organizar uma pesquisa de campo. Esperava entrevistar outros casais, adeptos do swing, frequentar os locais nos quais essa prática fosse autorizada. A fundamentação dessa abordagem, obtida através da leitura de autores como os antropólogos Malinowski e Evans-Pritchard entre outros que defendiam uma abordagem preocupada em observar o campo de estudo na participação “in loco”, fazendo parte daquele universo, vendo de perto constantemente o que se passa nessa relação.

Sobre a casa de *swing* que havia em Alagoas estava em reforma, *swing club* era seu nome mas pelo que Rafael me relatou acha que dificilmente ela voltará a funcionar, primeiro por causa de um difícil acesso e que quando estava funcionando havia muita reclamação dos vizinhos por causa do movimento e do barulho provocado pelas festas no fim de semana.

E foi exatamente o que constatei no fim de 2014 em contato com o proprietário, a casa foi fechada por denúncias e a falta de um alvará que nunca aconteceu para seu funcionamento como casa de entretenimento.

Contudo com essa falta de espaços para a prática de encontros específicos para o *swing*, os casais se deslocavam para cidades próximas, como Recife onde existem esses espaços, e uma praia especifica no litoral norte de Maceió intitulada praia dos casais, mas pelos depoimentos que observei no *sexlog* não é uma praia fechada, como praia de nudismo como existe em alguns Estados do nosso país, com pousadas liberais.

Recentemente no ano de 2022 foi reinaugurada uma casa, *Haman Swing Club*, situada bem no coração turístico da cidade, pela minha pesquisa continua sendo uma sauna *gay* e que eventualmente foi transformada em casa de *swing* onde acontece shows e espaço para os fetiches que a maioria das casas da prática do *swing*, *ménage*, *shows eróticos* e *performances* ali acontece nos finais de semana, com artistas conhecidos do meio liberal.

Assim, o modelo canônico de etnografia num estado como Alagoas se mostra pouco produtivo, pela instabilidade dos estabelecimentos que favorecem essa prática e pelas raras menções nas entrevistas a esses estabelecimentos. O que pude observar como principal

característica é a necessidade dos praticantes de manter a privacidade em torno de suas experiências. Desse modo, dei preferência à linhas entrelaçadas de relações entre pessoas que circulavam num primeiro momento num âmbito mais local, para em seguida observar entrelaçados de redes superpostas a outras espacialidade. George Marcus(1994) propõe uma etnografia multi situada que permita pesquisar mudanças sociais e culturais em diferentes âmbitos locais. Seguindo essa proposta, busquei não apenas envolver pessoas e seus símbolos mas através de formas que ultrapassam lugares e fronteiras, estabelecendo conexões ao longo de várias escalas etnográficas. Através das entrevistas presenciais e *online*, assim como de conversas informais procuro fazer um perfil sociológico no qual seja possível seguir as cadeias, as trajetórias de vida e os fios que fazem parte de um fenômeno social específico.

Não tendo um local fixo para observar, busquei manter contatos com os praticantes que estivessem dispostos a conversar sobre o assunto, através da participação em entrevistas. Dentre as diversas abordagens, houve aqueles casais que presumiram que a pesquisa era apenas um artifício para que eu pudesse me promover. Colocaram como condição para me dar mais informações, que houvesse uma contrapartida de minha de participação em suas práticas. Além disso, outros não queriam se sentir objetos de pesquisa e por essa razão também não avancei na sensibilização para a entrevista. E finalmente, restaram os que aceitaram participar.

Foram vários contatos exclusivamente de Alagoas que eram usuários do *sexlog* 10 presenciais e exatamente 17 por conversas, com perfil de assinante para ter livre acesso as mensagens, sempre especificando que se tratava de um trabalho acadêmico. Na identificação estava a minha foto, a informação de que procurava casais que praticassem swing. Também destaquei que nas entrevistas seriam preservados nomes, e que eles não apagassem as mensagens para ter um bom andamento nas entrevistas que não foram feitas de uma vez e sim no decorrer de alguns dias, até o momento que fosse dos interesses deles. Nesse sentido, é importante destacar que apesar de ter realizado algumas entrevistas presenciais, a maior parte dos dados foi obtido através das trocas mediadas no próprio *sexlog*.

Ao todo foram 10 casais entrevistados, com esse perfil que fiz como um pesquisador etnográfico, mas como usuário participante, houve varias entrevistas presenciais, em sua maioria casais maduros, com situações financeiras definidas, na faixa etária de 50 a 65 anos, e percebi que como estou nessa mesma faixa de idade, se sentiram mais confortáveis em logo de inicio aceitar minha solicitação de amizade. Por ultimo um casal na faixa de idade de 18-20 anos, que acharam interessante com minha idade estar fazendo um trabalho de conclusão de curso. Nesse caso, o aceite veio por eles também estarem fazendo um curso superior e saberem da dificuldade que o estudante de uma universidade tem para fazer algum trabalho de pesquisa.

1.3 O *SWING* COMO PERFORMANDE DA MONOGAMIA.

A leitura que apresento ao longo deste trabalho é debitária de outras pesquisas antropológicas sobre essa temática, especialmente a etnografia de uma casa de *swing* no Rio de Janeiro, de autoria de Olivia Von der Weid (2008). Essa dissertação que foi posteriormente publicada em livro com o provocativo título “Adultério Consentido” discorre sobre aspectos dessa prática relacionados ao gênero, ao corpo e à sexualidade. Em consonância com o argumento da autora, uma das coisas que mais me chamou atenção nesse trabalho foi como as narrativas dos praticantes caracterizam seu relacionamento a partir do desejo sexual sendo vivido de mais livre, com o consentimento, e (com ou sem a presença) do seu companheiro/a, sem com isso abalar a relação matrimonial. Ou seja, a monogamia é prometida perante sua religião e conforme os costumes tradicionais são de certo modo preservados através desse tipo de experiência, através do consentimento mútuo.

Neste tipo de relação onde as práticas sexuais com outros parceiros externos ocorrem com o consentimento do cônjuge, se aproximam do ideal de lealdade constitutivo do ideário do casal igualitário que a autora Tânia Salem(1987) defendeu em sua tese de doutorado intitulada “Casal Grávido”. Nas suas reflexões, ela caracteriza de conjugalidade igualitária entre camadas médias urbanas cariocas ela explica que nesse tipo de casamento a “lealdade” teria precedência sobre a “fidelidade” e que as traições seriam perdoadas ou resolvidas em nome justamente de uma partilha sincera de desejos.

A autora especifica serem três princípios que ordenam a modalidade desses sujeitos: o da psicogenicidade, o da igualdade e o da mudança. No caso do casal praticante a psicogenicidade se insere em ter essa liberalização do indivíduo em relação à sociedade, em como seu grupo de amigos ou familiar não inserido nesse contexto moral os receberia caso soubessem dessa prática. Apesar dos impasses descritos, esses princípios tornam os cônjuges livres para experimentar o prazer sexual em igualdade de condições, superando obstáculos impostos pela moralidade tradicional e abrindo-se para novas práticas. No princípio da mudança como esse comportamento vai classificar o mundo a sua volta em questionar, libertar-se da repressão e da liberação.

Von der Weid (2015) também dialoga com Richard Parker com a obra “Corpos, Prazeres e Paixões” para pensar como essa modalidade de adultério é coerente com uma “cultura sexual e de gênero” no Brasil na qual há espaços ou situações nos quais a ruptura das regras de moralidade é autorizada. Nesse sentido, ela sublinha a necessidade de pensar algumas

características encontradas no âmbito *swinger*, tais como diferenças sexuais e de gênero entre homens e mulheres praticantes, um suposto mundo liberal que aproximaria pessoas interessadas dessa prática, em oposição a outros espaços nos qual é reafirmada a tradição da monogamia.

O *swing* como uma prática ou várias práticas cotidianas, nos permite olhar as negociações que se desenrolaram no interior da relação conjugal e visualizar as mediações entre espaços e contextos sociais da heterossexualidade. Quando se olha para situações micro, por exemplo num espaço de uma etnografia é possível entender como domínio macro dos sistemas sociais é incorporado nas praticas locais.

2. AMBIENTE DE PESQUISA

Conforme explicado no capítulo anterior o *contato* com praticantes de *swing* de Alagoas foi feito a partir da plataforma *Sexlog.com*. Nesse capítulo reúno um conjunto de informações que contextualizam os interlocutores da pesquisa, bem como as possibilidades de envolvimento erótico que essa infraestrutura tecnológica possibilita. A partir dessa imersão apresento um vocabulário que organiza os interesses eróticos e organiza as interações nesse ambiente. Por fim apresento o perfil sociológico dos interlocutores da pesquisa, considerando aqueles usuários que a partir da apresentação como pesquisador aceitaram colaborar com a pesquisa através de entrevistas presenciais ou de troca de mensagens pela própria plataforma.

Também conhecida como *Facebook* do sexo a plataforma surgiu em 2010 em Bauru, uma cidade do interior do Estado de São Paulo. A ideia foi de dois sócios, um carioca e um paulistano, que tem suas identidades pouco conhecida até mesmo pelos funcionários da empresa. De acordo com a *Wikipédia*(acesso em 30/06/2010 às 08h15min) ela contava no ano de 2015 com quatro milhões de assinantes em diferentes países, estando habilitada na línguas português, espanhol, italiano e inglês. Atualmente a plataforma estima contar com vinte milhões de usuários.

2.1 POR DENTRO DO SEXLOG

Ao acessar a página inicial do site há uma interface que pede para que o visitante se cadastre de forma gratuita trazendo o seguinte: *Sexlog* – A maior rede social de Sexo e *Swing* do Brasil - Bem vindos a nossa rede!

Somos o *sexlog*, uma rede social exclusiva para maiores de 18 anos, formada por 11 milhões interessadas em sexo, *swing*, encontros, fetiches, fantasias, festas liberais, *livecam* e o que mais sua imaginação mandar. Nosso propósito é oferecer um ambiente seguro e livre de julgamento para que as pessoas vivam a sua sexualidade de forma plena. Prezamos pela segurança e privacidade de todos. Contamos com uma comunidade engajada que, preocupada com a manutenção da nossa rede, denuncia todo e qualquer conteúdo considerado suspeito e que fuja das nossas regras detalhadas nos termos de uso. Além disso, contamos com uma equipe de suporte pronta a atender a qualquer demanda e analisar denúncias com agilidade.

Entre as informações destacadas está que todo conteúdo é produzido pelos usuários, que tem a liberdade de curtir a sua sexualidade como achar mais adequado. Observo que muitos estão a procura de encontros reais, festas, conhecer novas pessoas, explorar novos fetiches, enquanto outros querem apenas assistir ou curtir online que o *sexlog* tem a oferecer. Ao fazer o cadastro é preciso corroborar com os “termos de uso” que são regras de acesso e utilização mediante as quais o novo usuário é informado das sanções a que está sujeito frente a violação dos termos. Eles regulam tipos de conteúdos, a utilização da *livecam*, termos de aceite, restrições territoriais, modalidades de assinatura, renovação e cancelamento, além de disposições gerais e segurança e privacidade e segurança. O vínculo com a plataforma é realizado a partir de uma conta de e-mail, cujo endereço não fica visível em seu perfil.

O cadastramento contempla várias perguntas que visam organizar um perfil das preferências. É preciso informar sobre si mesmo e sobre o tipo de interações que gostaria de ter em termos de expressão, gênero, estado civil, orientação sexual e preferência eróticas. Também é preciso escolher um nome com a característica individual marcante e criar uma senha para acesso. Existem planos de assinatura que são mensais, trimestrais, semestrais. Os valores variam entre R\$ 29,90 e R\$ 49,90. Sempre há promoções para esses valores com descontos que variam conforme a preferência de pagamento que pode ser em boleto bancário ou com cartão de crédito. Suas promoções são o *Black Friday* também é feita pelo comércio varejista, no dia dos namorados, que é comemorado no dia 06 de setembro de cada ano nos ingressos para o *Sexy Afair*, uma feira que acontece todo ano com produtos e serviços ligados à sexualidade.

No ano de 2019 foi incluído um novo dispositivo que é o “Perfil de Certificação” para favorecer a identificação de perfis falsos. Os usuários tiram uma foto com um código de números que enviam para ser colocado no seu perfil, com três fotos de corpo e rosto. Pode ser vestido ou não, e só vão para o seu perfil as fotos que não comprometam seu sigilo como usuário. Também solicitam uma cópia de um documento oficial que tenha sido feita nos últimos cinco anos. Não é preciso ser assinante para navegar pela plataforma, mas uma vez que se é assinante há algumas vantagens como: postar fotos e vídeos em grande quantidade, (enquanto os não assinantes só tem direito a duas fotos por dia); acessar vídeos dos outros usuários; trocar mensagens com outros usuários (mesmo que o outro perfil não seja assinante que não possua essa vantagem), ter livre acesso a *livecam* (enquanto os não assinantes só tem direito há dois minutos e só a duas por dia). Um perfil não assinante que queira mandar mensagens ou acessar aos vídeos dos demais, recebe mensagens lembrando que para efetivar essa interação é necessário ser assinante lhe é enviado as promoções de custo inferior para o primeiro mês, como numa promoção especial de degustação. Outro aspecto a ser destacado é que a plataforma conta com uma equipe de especialistas sexólogos e de Tecnologia de informação.

O site também permite denúncias contra outros usuários, relacionados ao uso indevido de fotos da internet. A partir da denúncia, o próprio site investiga o fato e se realmente for comprovada o usuário é bloqueado e avisado por *email*, com direito a se defender. O denunciante nunca é exposto, próprio site confirma que tem pessoas habilitadas, para desvendar esse tipo de denuncia, que na sua maioria são verdadeiras, pois infelizmente existem muitos usuários falsos.

Além disso, o Sexlog apresenta informações sobre como participar do *swing* trazendo descrições detalhadas sobre as casas especializadas para este tipo de relacionamento. Divulga tipos de festas, com cartazes todos muito bem preparados, com algumas atrizes pornôs fazendo shows eróticos, todo um evento grandioso para atrair os clientes. Também divulgam pousadas onde os adeptos podem frequentar, geralmente em *resorts*, e pousadas onde existem as praias de nudismos mais conhecidas do Brasil.

Outra benesse é que o usuário pode agendar o dia que irá fazer uma performance ou *live*. Essa informação fica disponível para os demais assinantes que queiram assistir. Algumas são sem conteúdo sexual, só exibindo o corpo, com roupa ou sem roupa, e alguns até somente para bate papo. Da mesma forma que a live, os comentários feitos sobre ou a partir dela ficam disponíveis apenas para os assinantes. Há um dispositivo de agendamento de encontros em

separado do perfil no qual os usuários podem interagir através de trocas de mensagens e que registram a quantidade de interessados em um tipo específico de encontro. Há um espaço intitulado “novidades” onde só os amigos aceitos no perfil podem visualizar as últimas fotos e vídeos. Nessa parte, os não assinantes também podem colocar suas fotos sem a necessidade de ir ao perfil deles. De outro modo terá que pesquisar os conteúdos através de uma busca onde são cruzados dados como nome do perfil procurado, o estado de origem, se é casal, solteiro(a), etc.

Além desse ambiente, o Sexlog também tem um canal no *Youtube* intitulada *sexlog.tv* onde traz entrevistas com especialistas na área de saúde, com artistas de filmes pornôs, com alguns usuários que não se importam de se identificar, com as tendências do momento, de brinquedos eróticos, que eles identificam como de utilidade pública e de todo tipo de fetiche, como funciona uma casa de swing, o que é permitido e o que é proibido, para que os iniciantes se sintam mais à vontade quando frequentarem pela primeira vez, a entrevistadora é a responsável pela direção de *marketing*, e tem inúmeros seguidores nessa rede social.

2.2 O MUNDO “LIBERAL” E SUAS POSSIBILIDADES

A partir da participação nesse ambiente, foi possível identificar um vocabulário próprio que organiza as interações possíveis no âmbito de troca de casais, a partir das narrativas publicizadas nesse ambiente acerca das experiências. De um modo geral é importante destacar que a palavra mais utilizada é “liberal” para descrever o casal liberal, o mundo liberal ou meio liberal. São todas expressões que reforçam a valorização por parte de relações e espaços de lazer que articulam a prática da troca de casais. Seguem abaixo outros termos que pude catalogar a partir das interações com os diferentes usuários a fim de convidá-los para participar da pesquisa:

Single: É o homem ou mulher solteiro(a) interessado em casais;

Single Casado(a): É um homem ou mulher que apesar de ser casado(a) se relaciona sem a participação do parceiro(a);

Balada Liberal: São locais (casas, bares, boates) onde o sexo não é um tabu. Geralmente as pessoas que buscam uma coisa mais quente;

Bater carteira: Esse termo é usado para se fazer referência aos casais que dizem não fazer troca, mas que na hora eles avisam que fazem;

Casal Tacinha: São casais que frequentam as casas de swing mas não estão interessados em nada além de beber;

Curiosos: São aqueles que nunca tiveram nenhuma experiência, porém possuem curiosidades e desejo de fazer;

Exibicionismo: É quando há alguma exposição sexual em locais públicos, seja sexo ou simplesmente se exibir pelado, ou com roupas sensuais;

Festinha: São eventos liberais envolvendo apenas casais e alguns singles;

Ful swap: Trata-se da troca entre casais completa, envolvendo beijo na boca, penetração e tudo que ambos curtirem;

Soft swap: Troca de casais de forma branda, sem ocorrer penetração;

Cabine: É um ambiente presente na maioria das casas de *swing*, existem variações, existem as cabines reservadas, onde os casais fazem sexo com privacidade, às cabines *voyers*, onde um ou mais casais fazem sexo dentro dela enquanto outras pessoas observam através de um vidro e também as cabines com orifícios na parede onde outras pessoas podem interagir com o casal dentro;

Labirinto: Trata-se de outro ambiente, geralmente presente nas casas de *swing*, que dá acesso a vários outros ambientes e também interação com os casais ou singles;

Sala aquário: Onde os casais podem se relacionar, enquanto são observados por outras pessoas através de um vídeo;

Casal *fake*: São casais constituídos geralmente por um homem e prostituta, amiga que tentam passar a ideia de ser um casal realmente casados ou namorados;

Bi Feminino: Onde a mulher se relaciona com outra mulher sem a participação do esposo;

Bi masculino: Onde o homem se relaciona com outro homem sem a participação da mulher;

Gang bang: Geralmente se refere quando a mulher quer se relacionar, com mais de três homens, e o marido não participa fica só olhando; ou quando são mais de três mulheres e um homem e a mulher não participa fica só olhando;

Ménage masculino: Sexo entre dois homens e uma mulher;

Ménage feminino: Sexo entre duas mulheres e um homem;

Grupal: é o encontro envolvendo sexo entre vários casais/singles;

Lancinho: É o parceiro single que se relaciona com um casal, sendo mais fixo desse casal;

Mundo colorido: Faz referência as pessoas adeptas ao *swing*;

Mundo P&B: Faz referencia as pessoas que não são adeptas ao *swing*;

Namoradinho(o): Trata-se mulher ou homem que praticam sexo recorrente com o casal;

Glory hole: que na sua tradução para o português é o buraco da glória, muito comum nas casas de *swing*, no meio liberal é quando o homem introduz seu pênis em um buraco feito em geral numa divisória e a mulher faz sexo sem saber quem está do outro lado e vice e versa;

Hot wife: esposa liberada que não implica necessariamente a presença do marido;

Cuckold: fetiche de adultério, o homem submisso tem prazer de saber que foi traído.

Esses são alguns dos muitos termos usados num ambiente liberal. Além dessa linguagem própria pude perceber que os praticantes de *swing* aqui no Brasil usam símbolos de representação. São as mulheres praticantes que costumam utilizar acessórios como um pingente de pimenta em colares ou tornozeleiras, ou tatuam o naipe de espadas do baralho com a letra Q no centro. A esse símbolo é dado o nome de Dama de espadas, que representa e ajuda a identificar casais praticantes. Explicaram-me que aqui no Brasil esse símbolo não indica necessariamente da prática de *cuckold*. Enquanto nos EUA e Europa essa prática serve para identificar o marido que é adepto do fetiche *cuckold*, no Brasil ele é um símbolo representativo de todos os casais que praticam *swing*.

Segundo meus interlocutores o termo *cuckold* é o nome dado ao fetiche do adultério, quando na maioria dos casos o homem tem prazer em ser traído, é muito difícil acontecer no caso da mulher que quer ser traída, mas existe também. Na maioria dessas práticas, o homem assume o papel definido como “corno submisso” e a mulher é quem realiza o adultério consensual. Faz parte do roteiro dessa prática a mulher humilhar o parceiro submisso como se ele não transasse bem o suficiente ou como se o pênis dele não fosse o suficiente para dar prazer a ela. Então elas usam um amante para mostrar ao parceiro como deve ser feito.

Há diversas formas de praticar esse “fetiche” que pode ter ou não a presença ou participação do parceiro. Quando não há a participação nenhuma do “submisso”, a mulher pode sair para transar com o amante e depois contar os detalhes para o parceiro, pode também filmar ao vivo e mostrar para ele o que está fazendo com o amante. Também pode ficar em um cômodo próximo para que o parceiro fique escutando. Quando o submisso tem participação, o parceiro pode ficar apenas olhando a ação como *voyeur* ou pode participar da ação, porém recebendo menos atenção que o amante ou até mesmo recebendo algum tipo de humilhação durante o sexo.

Apesar de toda essa simbologia entre os interlocutores os mesmos sentem receio de serem identificados. Em suas falas destacam que tem família, tem profissão e que sabem que para tudo tem hora e lugar. Como já foi destacado em relação ao processo de pesquisa, especialmente as condições para a realização das entrevistas presenciais, as demandas descrição a respeito do teor da conversa, a não identificação do casal como praticante de *swing*, a necessidade de comprovar a condição de estudante e pesquisador atestam a necessidade de controle sobre essas informações. Durante as entrevistas que serão apresentadas a seguir essa demanda por descrição aparecerá de forma mais evidente nas falas dos interlocutores.

A seguir detalho o perfil sociológico dos participantes da pesquisa. Dados como nome (fictício), Situação conjugal, raça, idade, ocupação, escolaridade, prática e se as entrevistas foram presenciais, online pelo próprio site do *Sexlog*, *Skype* ou *whatsaap*. No momento da pandemia o contato presencial ficou impossível então em sua maioria as entrevistas *on-line* foram mais usadas.

2.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

No começo do meu trabalho de campo as entrevistas presenciais foram importantes para compreender e conhecer os casais mesmo que no primeiro momento foi difícil essa situação, por acharem que estava me aproveitando para conhece-los e participar da prática, mas o importante foi a confiança e também a seriedade com que tratava o assunto, demonstrando que estava ali para realmente fazer um trabalho acadêmico.

Por conseguinte, na plataforma do *Sexlog* as conversas eram mais descontraídas e mais contínuas, deixava as perguntas no *Messenger* (caixa de mensagens) e no outro dia lia as respostas e pelo fato de estarem ali só respondendo as minhas perguntas, acredito que os deixava mais a vontade. Como ficava sempre *on-line* durante boa parte do dia e da noite, sempre havia uma interação, assim sendo também no *WhatsApp* o procedimento era o mesmo.

Os locais escolhidos para as entrevistas presenciais em sua maioria foram em lugares públicos, *shoppings*, com isso acredito que os deixava mais à vontade e mais confiantes para interagir sobre o tema como também era uma exigência deles para a nossa própria segurança como me relatavam. Em alguns momentos da entrevista que sempre eram relatadas pela visão do marido, a esposa interrompia e dava sua opinião e também divergiam em como tratavam o assunto quando ou a esposa ou o marido não tinham a confiança necessária na troca de casais.

Esse momento ficava um pouco tenso porque a entrevistada não tinha gostado do casal, mas o marido tinha gostado principalmente da mulher do próximo que ela acreditava ser mais bonita que, então acontecia um ciúme e sua opinião nesse momento não prevalecia. Criava-se um clima muitas vezes com constrangimento e o encontro não acontecia, mas na maioria dos casais não percebi isso, percebi que quando iam ao encontro já estavam resolvidos e já haviam conhecido por fotos.

2.3.1 ROTEIRO DE PERGUNTAS

Entrevista descritiva em forma de categorias sociológicas. Relação dos objetivos das perguntas e roteiros. Não são feitas todas essas perguntas para cada um são feitas em separado e outras para o casal.

- 1 O que o casal em sua relação do *swing* e na troca de casal acha da traição afetiva ou seria somente relação sexual?
- 2 O *swing* cria um novo modelo de casamento? Ou reforça os já existentes?
- 3 Consideram-se monogâmicos ou poligâmicos, nesse equilíbrio entre essas oposições?
- 4 O que levou vocês a prática?
- 5 De quem partiu a iniciativa e a escolha?
- 6 Qual a reação de cada um separadamente ao se deparar com o assunto?
- 7 Como foi a primeira vez? Ou o primeiro encontro?
- 8 E depois desse primeiro encontro como vocês encararam esse comportamento?
- 9 Vocês acham que essa escolha melhorou ou vai melhorar o casamento?
- 10 Como essa opção é encarada dentro da família? Eles sabem?
- 11 Há um receio, que nesses encontros aconteça uma reação emocional maior que só a do sexo?
- 12 Há limites nesta troca ou pode-se tudo?
- 13 Criam um personagem quando vão aos encontros ou se apresentam como são?
- 14 Quem se sente mais atraído por essa opção?

Deste modo esses tópicos me ajudam a entender como a prática do *swing* é encarada pelos casais, o que mudou na vida do casal, se agora são mais confiantes no relacionamento, se foi criado um novo modelo de casamento para eles, se essa fase se perpetuará ou é só uma fase passageira de conhecimento ou curiosidade e se eles se sentem mesmo seguros do que estão

fazendo. Em algum momento a família vai aceitar e como encaram o fato de fazerem escondidos dos filhos ou dos parentes em geral.

PERFIL SOCIOLÓGICO DOS PARTICIPANTES DAS ENTREVISTAS

Neste quadro procuro traçar o perfil sociológico dos participantes da pesquisa. Dados como idade, raça, escolaridade, ocupação profissional, situação conjugal, assim como indicando se as entrevistas foram presenciais, on-line ou pelo próprio site de relacionamento Sexlog, Skype etc.

Em 2020 estávamos passando por uma pandemia e o contato presencial ficou quase impossível, então na maioria dos casos a entrevista on-line era mais usada. O nomes dos participantes serão pelas iniciais fictícias na sua maioria.

Nesse primeiro quadro são os casais que foram entrevistados presencialmente, quando marcamos encontros pelo próprio site de relacionamento Sexlog em lugares públicos no início da minha pesquisa, em espaços de tempo alternados e que depois por causa da pandemia as conversas se tornaram on-line pelo Site.

NOMES	IDADE	RAÇA	ESCOLARIDADE	CLASSE	S.CONJUGAL
*A-J	50-46	BRANCA	SUPERIOR/MÉDIO	F. PUBLICO	CASADOS
*R-S	55-48	BRANCA	SUPERIOR	AUTONOMO: Enfermeira	CASADOS
*P-P	48-45	PARDO/BRANCA	MÉDIO/SUPERIOR	AUTONOMOS	CONSENSUAL
*J-A	65-57	BRANCA	MÉDIO/FUNDAM.	APOSENTADOS	CASADOS

Nessa segunda coluna os entrevistados todos eles foram pelo Sexlog em dias em que eles estavam on-line e os abordei para uma conversa. No primeiro momento sobre um próprio interessado em participar do meu perfil que estava no Sexlog que era uma pesquisa científica e ficaram curiosos.

NOMES	IDADE	RAÇA	ESCOLARIDADE	CLASSE	S.CONJUGAL
Mas/Fem	Ele/ela	Ele/ela	Ele/Ela	Ele/ela	Ele/ela
B-S	52/30	Preto	Médio/Fundam.	Comerciários	Casados
F-P	42/42	Pardo/Branco	Médio/Superior	Comerciários/Prof.	Casados
P-R	53/48	Branco	Superior	Professor	Solteiro
J-M	42/40	Branco/Negro	Médio	Comerciário	Solteiro
M-N	32/27	Pardo	Médio	Comerciário	Casado
S-J	42/38	Indígena/Pardo	Médio	Comerciário	Casado

J-A	44/45	Branco	Superior	Empresários	Casado
A-V	32/29	Branco	Superior/Médio	Func. Público	Casado
R-M	29/23	Pardo	Médio/Médio	Ambulante	Solteiro
J-R	69/59	Branco	Superior/Médio	Func. Público	Casado
V-B	27/25	Branco	Médio/Médio	Aposentada/Comércio	Casado
C-K	43/43	Branco	Superior	Pedagogo/Psicóloga	Casado
R-R	54/50	Branco	Médio/Médio	Autônomos	Casado

3. HETEROSSEXUAL E SUBVERSIVO?

Apresentarei neste capítulo uma revisão da literatura sobre o tema do *swing*, privilegiando a abordagem antropológica dessas práticas, seu aprofundamento através da história social, bem como algumas incursões na área da psicologia. As conclusões que os autores chegaram acrescentam elementos para aprofundar a minha pesquisa sobre o mesmo tema. Certamente falar sobre sexualidade, abordar as pessoas sobre o assunto, requer algum cuidado, principalmente porque envolve a intimidade de homens e mulheres, gerando debates entre opiniões moralmente contrárias. Falar sobre *swing* traz ainda outras dificuldades, considerando que própria palavra pode ser interpretada de várias formas, como ritmo musical, uma dança corporal, ou até mesmo um indivíduo que sabe resolver uma situação complicada e se sair bem.

3.1 SWING NA ERA FARMACO-PORNOGRÁFICA

Através de palavras chave como *swing* e “troca de casais”, obtive inúmeros trabalhos, artigos e referências que os autores, produzindo um arquivo amplo de leituras. Privilegiei uma leitura clássica, presente em quase todas as pesquisas, dissertações, mestrados sobre o assunto sexualidade, escrita pelo filósofo e historiador Michel Foucault e seu celebre História da Sexualidade I – A Vontade De Saber. O livro foi publicado no Brasil em 1976 e aborda no meu entendimento o sexo em sua evolução ou no sentido contrário, quando havia uma certa franqueza no início do século XVII, as palavras eram ditas sem um demasiado disfarce, os códigos da grosseria, da decência, da obscenidade eram frouxos se comparados aos do século XIX. Os discursos sem vergonhas, anatomias mostradas sem incomodo nem escândalo.

Até aparecer o regime vitoriano, quando a sexualidade é então cuidadosamente encerrada no domínio privado. Ela muda-se para dentro de casa, o casamento a confisca, a transforma na seriedade da função de reproduzir. O sexo é simplesmente para o casal legítimo e procriador. Impõe-se como modelo e faz reinar a norma. No espaço social, como no coração de cada

moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida era o quarto dos pais. Com todos seus segredos, ali não se podia entrar sem autorização. O decoro da atitude esconde os corpos e se alguém insistir e se mostrar demasiadamente viram anormais. Receberá este status e deverá pagar as sanções socialmente reconhecidas e impostas a depender do gênero.

A ideia preponderante na época de Foucault é que o dispositivo de sexualidade na sociedade ocidental operava reprimido e ao mesmo tempo incitando discursivamente as relações entre corpo e prazer, entre o século XVII até meados do século XX. Foucault argumenta que a hipótese repressiva é uma ilusão e que na realidade, uma gama de discursos sobre a sexualidade se proliferam durante este período. Para o autor, neste momento os especialistas começam a estudar a sexualidade de forma científica, classificando em normal ou anormal as diversas expressões da sexualidade e incentivando as pessoas a confessarem seus sentimentos e condutas sexuais, como desejo de conhecer a verdade sobre o sexo.

Quanto de nós convivemos com esse dispositivo em meados do século XX? Quando íamos falar de sexo com nossas mães ou pais, eram sempre falas obscuras. Quando a menina perguntava havia uma névoa sobre o assunto: Ou se falava que “ainda é cedo para você saber sobre isso” ou “fale com sua mãe”. Quando era menino havia uma abertura maior, mas era sempre um parente próximo ou os amigos mais velhos que faziam essa iniciação com conversas e experiências próprias, ficávamos ouvindo e aprendendo na teoria porque na prática era quase impossível acontecer aos meninos, eram esses amigos que nos mostravam as revistas e quadrinhos eróticos chamados de catecismos do Zéfiro muito comum na época em que revistas do gênero eram proibidas de ser expostas em bancas de jornal e que só pessoas com idade legitimada poderiam comprar.

Só as pessoas que são especializadas em estudar o sexo podiam falar abertamente sobre os fatos. No que tange as “sexualidades ilegítimas”, que vão incomodar em outro lugar, que incomodem lá onde podem ser reinscritas, senão nos circuitos reprodutivos, pelo menos nos dos lucro. Nesse contexto incluo a referencia de Paul B. Preciado (2020) em sua obra *Pornotopia: Playboy* (2020) e a invenção da sexualidade multimídia. O autor apresenta a forma de explorar o sexo do ponto de vista comercial, arquitetônico e o seu direcionamento para os homens solteiros no pós-guerra quando a revista “apelava diretamente ao desejo sexual dos leitores” (Preciado, 2020, pg.25).

Desde como se decorava um apartamento do homem solteiro e sua mobília composta por inúmeras máquinas de trabalho doméstico estrategicamente usada para a conquista. A condição

de *voyeur* que a revista proporcionava para o público masculino inaugurava a relação entre um prazer visual e o objeto de prazer, que era a mulher. Depois da transmissão audiovisual dentro dos cômodos da Mansão *Playboy*, a escolha da coelhinha como mascote sendo o fetiche, a transformação do público ao privado operando como um mecanismo de excitação sexual. Esse é o jogo que dá o nome a revista.

Essa é uma das formas de explorar o sexo do ponto de vista comercial, que fez o aglomerado desta indústria voltada não necessariamente ao sexo, mas ao entretenimento e que se transformou num conceito copiado por quase todas as revistas dirigidas ao público adulto do mundo. Ela não só mostrava mulheres com pouca roupa ou até sem roupa, mas também tinham em seu conteúdo diversas imagens direcionadas a incitação do consume de tecnologias farmaco-pornográficas.

Dentre as revistas brasileiras que seguiam esse modelo estava a *Ele/Ela* e *Private*. Traziam um conteúdo similar, mas com uma inovação na década de 80 que eram suas páginas amarelas no fim da revista. Essas páginas se assemelhavam a uma lista telefônica, porém continha anúncios de casais, homens e mulheres, para a prática de *swing e ménage*. Através da aquisição de uma caixa postal o leitor poderia se comunicar com os anunciantes e proporcionar encontros entre eles. Retomando Paul Preciado (2020) em que a estratégia da *Playboy* era inverter a própria lógica de gênero que organizava o sonho do homem estadunidense, “o amor heterossexual e conjugal era fruto de uma mulher encarregada do lar e de um homem que enfrenta os problemas do mundo exterior”. A revista propunha uma nova definição masculina auto centrada, baseada no consumo, na autossuficiência doméstica e na validação da masculinidade a partir da multiplicação dos encontros heterossexuais,

Explorando um sexo sem compromisso, fora desse contexto de prostituição, tentando educar o homem solteiro por meio da revista sobre a possibilidade ter acesso não apenas àquelas mulheres estampadas em suas páginas, mas também quaisquer outras como a vizinha de porta, a secretária, sua amiga de escola. Hugh Hefner, o patrono do aglomerado *Playboy*, fazia isso inserindo nas páginas centrais da revista colocando suas *Playmates* escolhidas entre mulheres comuns.

No que o autor descreve como era farmaco-pornografia, as tecnologias digitais permitem um deslocamento da sexualidade subversiva dos espaços que em estava confinada na época vitoriana. Segundo Foucault, o *rendez-vous* e a casa de saúde seriam tais lugares de tolerância: a prostituta, o cliente, o rufião, o psiquiatra e sua histérica. Depois de três longos séculos e no

início de outro onde a história da sexualidade foi lida como a crônica de uma crescente repressão, será que experiências como aquelas engendradas na prática do *swing* mostram que agora estamos liberados?

3.2 ADÚLTERIO CONSENTIDO

Percebendo que o tema seria muito abrangente se optasse por estudar o *swing* a partir da normalização psiquiátrica, procurei me concentrar nas pesquisas empíricas que abrangiam casas, clubes e boates exclusivamente de praticantes de *swing*, afora as festas que eram proporcionadas pelos praticantes com aluguel de chácaras, casa com estruturas para tal evento. Em sua maioria as pesquisas feitas são um trabalho de campo e a minha realidade aqui em Maceió não me proporcionava esse tipo de pesquisa citado acima visitando as casas exclusivamente para os praticantes de *swing*.

Uma referência central é a etnografia de Olivia Von der Weid intitulada “Adulterio Consentido: gênero, corpo e sensualidade na prática do swing” realizada no Rio de Janeiro. O trabalho contém em todos seus cinco capítulos depoimentos de praticantes de *swing*. Nesses relatos, a prática é caracterizada a partir de um relacionamento onde o desejo sexual pudesse ser mais livre, com o consentimento ou com a presença de seu companheiro, a despeito da monogamia que se mantém como regra perante sua religião e conforme os costumes tradicionais. Segundo a autora, os casais vivem uma “poligamia sexual” com a preservação da “monogamia amorosa” procurando satisfazer fazer suas fantasias sexuais (transgredindo) dentro de um limite determinado de convenções sociais sobre o casamento (Weid, 2015).

A autora se aproxima de uma antropologia mais interpretativa do que observadora, pois o etnógrafo primeiro observa o assunto pesquisado, depois ele registra e finalmente ele analisa, não detendo somente em relatar o que observou. A pesquisa de Weid foi realizada com casais praticantes do swing no Rio de Janeiro entre o ano de 2003 e 2008. Ela também fez visitas as casas ou clubes de *swing* na zona sul carioca e outra no centro da cidade, além de material de mídia impressa e virtual, além das entrevistas com 13 casais *swingueiros*.

Um aspecto abordado é o culto ao corpo feminino, onde com outra comparação em relação ao império, a ostentação, o penteado, as roupas eram sinais de distinção e no swing isto também é presente, onde as *lingeries* são cuidadosamente escolhidas. Roupas que valorizam a silhueta da mulher, apesar de que o corpo não precisa ser escultural, mas mesmo assim são os

corpos à mostra que fazem das mulheres o objeto de desejo, elas que se produzem, se enfeitam, elas são as protagonistas na relação da troca (WEID, 2015)

A autora também se dedica a pensar os “antagonismos equilibrados na prática do swing”. Embora defenda que existe certo equilíbrio entre desejos de ambos os parceiros, é importante enxergar no swing uma ótica patriarcal, onde o homem manda e a mulher obedece. Os praticantes homens dizem que buscam “unir a mulher de casa e a mulher da rua em uma só mulher”. Outro fator de equilíbrio seria a oposição entre monogamia e poligamia neste ambiente *swingers* que se estabelece através da separação entre o afetivo e sexual. Os casais que fizeram parte da pesquisa acreditam que são monogâmicos na afetividade, no amor entre eles e somente eles, já, que se mantêm relacionamentos sem vínculo amoroso com seus parceiros. Então há uma monogamia afetiva e uma poligamia sexual e como dizem alguns *swingers*, “no swing tem sentimento de amizade, mas de amor não” (WEID, 2015).

Além disso, a autora dialoga com a análise sobre a sexualidade no Brasil feita por Parker (1991). Na obra intitulada “Corpos, Prazeres e Paixões” esse autor analisa a ideia de sacanagem no contexto das práticas sexuais transgressoras, quando esta dicotomia entre público e privado na cultura brasileira. Segundo ele, a lógica de que “entre quatro paredes tudo pode acontecer” é temporariamente invertida, uma vez que a liberdade sexual, normalmente associada à rua, invade o mundo privado. Mas, a mistura de tentação e perigo quando a noção de sacanagem envolve a desobediência das regras do jogo. A autora destaca como isso ocorre no meio dos praticantes de *swing* onde “você pode tudo, mas não é obrigado a nada”. E também o mundo liberal que engloba não só a troca de casais mas pode ir mais além, como o casal sair em separado, entre outras práticas, como o *ménage*, onde acontece um encontro entre dois homens e uma mulher ou duas mulheres e um homem, e dentro desse universo dos *swingers* essa palavra de casal liberal ou meio liberal se confunde com esse símbolo de *swing* e ganha um vocabulário próprio.

No site do *sexlog* percebe-se que existem poucos, mas existem casais que tem parceiros fixos, tipos amantes, onde essa relação monogâmica se confronta, onde o marido só pelo motivo de estar sabendo que sua mulher tem um amante e estar ali participando como *voyer* algumas vezes, ficando em casa a espera de uma foto, ou um vídeo, ou mesmo quando ela volta pra casa e relata o encontro. Portanto podemos pensar que nestes casais há uma monogamia afetiva com uma poligamia sexual e segundo um entrevistado “existe um sentimento de amizade, mas de amor não”. Aqui as oposições amor x sexo, mulher de casa x mulher da rua se equilibram, mas

este equilíbrio só é possível pelo consentimento do parceiro em que tudo é permitido com prévio acordo entre ambos e até onde cada um alcança seu limite.

Respeitar a vontade do outro no meio dos praticantes do swing, onde “você pode tudo, mas não é obrigado a nada” como relatam alguns participantes a autora parece se aproximar daquilo que Parker descreve como sacanagem. A análise desse autor sobre as práticas sexuais transgressoras parte de uma oposição entre práticas aceitáveis e práticas proibidas. Porém essa divisão, na cultura brasileira está subordinada a dicotomia entre público e privado através da formula “entre quatro paredes, tudo pode acontecer”. O swing inverte temporariamente a relação entre a rua e liberdade sexual, para ambos os parceiros. Porém é importante mencionar que nem todos os praticantes realizam a troca de casais. Existem outras possibilidades, como foi demonstrado no capítulo anterior. Existem aqueles casais que só olham, outros que só trocam carícias, mas só se relacionam com os parceiros, também os que gostam de ser observados. As transgressões aqui incluem a presença de outras pessoas e diferente do que Parker (1991) descreve, as práticas do *swing* excedem o limite imposto entre quatro paredes do quarto de um casal (Weid. 2008:67).

Uma configuração que merece atenção que podem ir muito além da troca de casais, como a da mulher sair sozinha com outro homem e depois contar ao marido é recorrentes no site *sexlog*, e ser parte de um mundo liberal estariam relacionados à vivência de fantasias sexuais, a uma experiência sexual maior, fazendo outra ligação com Parker (1991), na dimensão da transgressão por ser algo que se constitui em oposição ao mundo da convenção. Como meus entrevistados relatam, “fazer parte desse mundo liberal” pode e deve estar também vinculado ao mercado pornográfico. Frequentar casas de *swing* é o começo da orientação, frequentar praias de nudismo ou contratar serviços de prostituição, fazer uso de produtos de *sexshops*, visitarem *sites da internet*, tudo isso não estando restrito ao âmbito de quatro paredes, porem controlado pela dimensão do anonimato.

Outro aspecto que pode ser observado é este anonimato que a autora descreve e que também relaciono com meus entrevistados que são os da personagem, o praticante incorpora um personagem de suas fantasias e se aproxima bastante de Freyre (2006) que aponta o carnaval dos tempos imperiais como num período onde homens, mulheres, escravos, meninos tinham a oportunidade de se livrarem das opressões da vida cotidiana. O *swing* assim como o carnaval com suas fantasias e brincadeiras propõe que a fantasia se torne realidade.

Comparando uma festa de *swing* como um momento de carnavalização, onde estaria aberta a possibilidade de dialogo entre categorias divergentes que no mundo diário estão

subordinadas pelas hierarquias segundo Da Matta (1985) e pode se associar a prática do swing nos locais onde se realiza, como um espaço simbólico entre a casa e a rua, em uma casa de swing, como na rua reinam os imprevistos, os acidentes e as paixões. Nos clubes, há tentativa de controle e organização das ameaças características da rua, em geral só é permitida a entrada de casais, para os solteiros a entrada se restringe a certos dias específicos e com um valor estipulado, para os casais e como se fosse meia entrada de cinema e para as mulheres sozinhas são *free*. “Casais arrumados” como são definidos aqueles homens que levam prostitutas são muito indesejáveis e os praticantes têm seus truques para identificá-los. Observa-se os trejeitos, a falta de intimidade entre o casal, as diferenças entre ambos. Por outro lado, é possível também identificar o surgimento de vínculos de amizade. Alguns casais passam a frequentar as casas das pessoas que conheceram, viajam com eles e seus parentes e fazem até programas como ir ao cinema, sair pra jantar sem propriamente terminar num motel.

3.3 DIFERENÇAS DE GÊNERO

Como foi dito na introdução, minha contribuição foi entrevistar praticantes de *swing* alagoanos, através de um roteiro semiestruturado e também observações das interações dele na plataforma *Sexlog*. Como aqui em Alagoas não acontece um encontro em casas de *swing* ou outras casas noturnas com essa oferta, os casais ficam limitados a terem encontros privados, agenciados por eles próprios através das redes sociais e principalmente pela *Sexlog*. Para analisar esse material, sigo definição de gênero proposta por Olivia von der Weid (2015), buscando aprofundar o tema da sexualidade feminina através da contribuição da historiadora Mary del Priore, no livro “História das mulheres no Brasil”. Essa historiadora explora desde a chegada dos colonizadores, seus costumes, suas diferenças com o povo brasileiro, a presença de quantidade enorme de escravos, as infidelidades dos monarcas, os relacionamentos dos Imperadores e seus súditos, e como a sexualidade se torna uma chave para o modo como Europa olhava para o que se passava do outro lado do mundo.

Tentando fazer uma ligação de como nossa cultura colonizadora pode influenciar os praticantes da troca de casais, citando alguns trechos que se encaixam na história dos casais, como a religião em um determinado momento da vida dos informantes se fez presente em seus comportamentos na adolescência, no casamento e no convívio com os familiares. A minha primeira abordagem foi com o casal Jane e Adão (nomes fictícios) esses questionamentos surgiram por causa de suas crenças religiosas. Falaram muito sobre os seus votos de casamento e

sobre como poderiam ter esse tipo de conduta desaprovada. A percepção de que aquele não era um comportamento normal pesava especialmente para a esposa. Adão fala que foi difícil para ela entender como ele achava tudo mais normal e que, em suas palavras, precisariam daquilo para ser novamente um casal feliz. Segundo ele, num primeiro momento foram a uma casa de *swing* em outro estado só para conhecer, pra ela se sentir segura, analisar e observar o comportamento dos casais, sem nenhum envolvimento.

Nas minhas abordagens com os interlocutores, esse contexto é muito presente em quase todas as entrevistas citando esse fato de a religião, qualquer que seja, influenciava o sexo de maneira geral. São citadas várias crenças como a da masturbação masculina que poderia causar doenças graves, era o assunto sempre citado na conversa com familiares. Mas é interessante notar que em relação aos homens há um pouco mais tolerância enquanto na feminina sem nenhuma tolerância com o tema masturbação, sobre o orgasmo feminino.

Mary del Priore (2011) cita Galeano que, no século II da nossa era, esforçara-se por elaborar a mais poderosa doutrina de identidade dos órgãos de reprodução, emprenhando-se com afínco em demonstrar que a mulher não passava, no fundo, de um homem a quem na falta de uma perfeição conservava os órgãos escondidos, invertidos. Outro exemplo que ela cita de um grande médico francês Ambroise Paré, ao diferenciar animais de humanos afirmava: “As fêmeas dos animais fogem dos machos tão logo são fecundados; o contrário acontece às mulheres, pois elas os desejam para a deleitação e não somente para a multiplicação da espécie. Com essas afirmações ela vai demonstrando como a mulher foi simplesmente colocada como um objeto a ser colocado sempre em segundo plano na história da humanidade.

A autora continua discorrendo sobre o papel da mulher durante o coito, cujos registros estudados demonstram que se fazia eco aos conselhos de Aristóteles: “que nenhuma mulher, mas nenhuma mesmo desejasse o lugar de amante de seu marido” (pag. 30). Isso queria dizer que a esposa não devia demonstrar nenhum conhecimento sobre o sexo, que somente casta e pura ela seria desejada. Daí ingenuidade seria a prova de sua honradez. Observando o Brasil colonial, ela se apoia na obra de Gilberto Freyre para mostrar que o papel sexual desempenhado por essas mulheres na nossa cultura pode ser reduzido a um ditado popular: “Branca pra casar, mulata pra fuder e negra pra trabalhar”. (Priore. 2011, pg33).

Em meio a esse contexto colonial a autora destaca que no céu do século XIX brilhou uma estrela, a do adultério. Com a chegada da corte portuguesa no Rio de Janeiro em 1801, Carlota Joaquina vivia na Quinta do Ramalhão, distante do marido D. João. Falava-se do enlaço sobre a

rainha com o comandante das tropas navais britânicas Sydney Smith, todos acobertado pela capa da etiqueta. Também de D. Pedro I com seu “apetite sexual” era insaciável, não se importava da condição social, se fartava com qualquer mulher que por acaso desejava. Naquela época e nem tão pouco tão longe assim, o homem ou a mulher, quando adúlteros, violavam a honra conjugal, praticando a injúria grave, que era razão nas leis religiosas, para anulação de matrimônio. Era considerada falta grave para ambos os sexos, porém colocava a mulher numa situação inferior do ponto de vista jurídico. (del Priore. 2011 pg.50).

Ela relaciona como as mulheres eram desejadas, como os homens consideravam seu desejo pelas mulheres e quais partes do corpo feminino faziam suspirar no século XIX, e essa comparação com as mulheres do século XX que cederam lugar para as mulheres esbeltas, incentivada pelo narcisismo, antes esmagado pelo pudor. Para Priore (2011) a diferença de tratamento moral para homens e mulheres se dava a partir da sexualidade. No século XIX se as mulheres não podiam ter prazer para os homens esse era obrigatório, era papel do homem garantir o que estava na bíblia “crescei e multiplicai-vos”. A mulher nunca podia ter a iniciativa em virtude da existência do desejo feminino. Mulher queixando-se da falta de sexo, nem pensar! Fora isso a valorização da virgindade era regra para uma mulher que procurava um matrimônio estável e que era assim que também os homens pensavam sobre a mulher para tomar conta de sua casa e de seus filhos.

A partir dessa contradição histórica no modo como homens e mulheres se relacionam com o sexo, apresento uma comparação sobre como os casais entrevistados fazem um julgamento da infidelidade e sua gravidade. Deparei-me com uma pesquisa dos Estudos de Psicologia de 2013 num artigo intitulado “Julgamentos de Infidelidade: Um estudo exploratório dos seus determinantes” (Veiga; Moreira, 2010) de Thaysa Viegas e João Manuel Moreira da Universidade de Lisboa, é uma amostra de 68 homens e 221 mulheres respondendo online um questionário na qual se perguntava num conjunto de cenários a infidelidade e sua gravidade. A pesquisa não se restringe a praticante de *swing*, mas ajuda a pensar sobre a relação entre as práticas de *swing* e o adultério. Os dados foram recolhidos em Portugal, entre abril e julho de 2010 e na enquete foram criados vários cenários, entre eles o de envolvimento sexual pontual, de envolvimento sexual duradouro, outro cenário foi sexo via internet com a ocorrência da masturbação (que seria mais desvalorizado por não haver um contato físico,) e cenários de envolvimento emocional (o mais penalizado de todos), bem como aqueles em que existe o consentimento do parceiro. Na análise dos autores, era esperado que o consentimento retirasse

ou atenuasse o sentimento de infidelidade especialmente nos casos em que um dos parceiros apresentava algum tipo de impedimento sexual, como a disfunção erétil por exemplo.

É importante destacar que os interlocutores da pesquisa são casais compostos por pessoas com mais de 40 anos, alguns já classificados como na terceira idade. A minha correspondência a essa mesma classificação, no meu entendimento fez com que eles se sentissem à vontade para falar sobre suas experiências. Para dialogar sobre o assunto procurei alguns textos sobre o tema do envelhecimento, para refletir sobre como se sentem com seus corpos, com sua libido. Alguns achavam que não tinham como uma das prioridades a vida sexual, que os filhos, enfim os netos poderiam julgar o fato deles ainda terem vida sexual ativa. Nesse sentido, o artigo escrito por Maria das Graças Melo Fernandes “O corpo envelhecido: percepção e vivência de mulheres idosas” se completa com depoimentos de 18 senhoras de um grupo de convivência em um bairro popular de Cruz das Armas num município de João Pessoa, na Paraíba. (Fernandes; Garcia, 2010).

Nesse estudo de caráter qualitativo, realizado no período de abril a junho de 2008, com mulheres de baixo nível sócio econômico e instrucional. Foi utilizada a entrevista individual e semiestruturada e oficina de conversas. Perguntas como qual sentimento o corpo envelhecido faz refletir, como percebem essa mudança do corpo e o que mais contribuiu para esse envelhecimento. Foram realizadas duas oficinas com atividades físicas e mentais, na segunda um encontro com o espelho e transmitir o sentimento e percepção que vieram a suas mentes. Os resultados foram o esperado por essa fase da vida, a pele enrugada, cabelos brancos e alterações da saúde e como o tempo deixa suas marcas e que quando jovem procuravam o espelho para confirmar a autoestima hoje esse resultado deve ser evitado.

O ponto que me interessa nessa pesquisa é que ele mostra como a chegada da menopausa na percepção das entrevistadas é acompanhada de um desestímulo ao sexo. Muitas mulheres se consideravam assexuadas por estarem viúvas e algumas por ainda viverem na saudade de quando eram jovens e viviam intensamente com seus parceiros a vida amorosa. E volta-se ao fato da mulher não ser autorizada a manifestar seu interesse sexual. Em vários relatos isso foi posto em pauta, o discurso sempre de total controle do marido sobre o corpo a vida e a vontade dessas mulheres, o domínio a tutela construída e dada como legítima pela cultura machista que gera a violência contra a mulher. Neste contexto, as autoras desse artigo finalizam com uma tentativa de síntese: “as reflexões acerca do corpo envelhecido aqui apresentado refletem a

perspectiva binária do mundo: o corpo não é velho senão em relação a um referente ao jovem”(Fernandes;Garcia;2010:888).

Farei uma relação com casais, o entrevistados na pesquisa, onde as mulheres convivem com seus corpos em relação à receptividade dos outros casais quando estão praticando o swing. Busquei perguntar sobre seus receios, se convivem bem com a exposição do seu corpo, se já tiveram alguns desencontros por causa da idade. Nessas entrevistas, as unanimidades das respostas se referem à menopausa, como um problema que a mulher acredita que com isso a libido também diminui. Mas também falam sobre a flacidez do corpo, que seria um indicador de que a vida sexual estaria terminada. A partir dessa perspectiva, a inserção no universo *swing* aparece para essas mulheres como um redirecionamento da sexualidade na direção das fantasias e fetiches masculinos.

CAPITULO 4 – RESULTADOS E ENTREVISTAS

MACEIÓ 15 DE MARÇO 2013 – ADÃO E JANE

São dezoito horas, estou em um barzinho na orla de Ponta Verde, a espera de um casal que mantive contato e que me ajudaria nesta primeira entrevista sobre os praticantes de swing ou troca de casais exclusivamente no Estado de Alagoas e que são cadastrados no site SEXLOG. O contato foi feito diretamente pelo site quando me cadastrei para pesquisar este tipo de relação afetiva e sexual entre casais onde estes se permitem marcar seus encontros. A ideia é reunir em um tema de pesquisa três temáticas: relações de gênero, sexualidade e relações conjugais.

Esse casal se prontificou a fazer uma entrevista em um local público e que garantisse que não seriam filmado ou gravado e qualquer tipo de foto que os pudessem comprometer, porque no meu próprio perfil no site seria apenas como um material de pesquisa para meu curso de Ciências Sociais em Antropologia Social. Eram casados há trinta anos, na faixa dos cinquenta anos, com filhos, estas informações constavam no perfil do casal, com mais outras exigências como discrição e respeitadores dos limites de cada um.

Feita as apresentações, mostrei meu documento da universidade, foi uma exigência do marido, era um casal de classe média alta, Jane e Adão (fictícios), neste primeiro contato com um papo mais informal, sobre o dia corrido dos tempos de hoje. O entrevistado, ou melhor, dizendo, os informantes tiveram o interesse de saber qual era minha formação, que não sabiam direito o que eu estava pesquisando e o porque do meu interesse e em que ajudariam em termos científicos no meu conceito sobre esta prática.

Expliquei aos entrevistados que tinha algum conhecimento da literatura de gênero como tema de investigação e que este era um interesse meu como aprendiz de etnólogo a realizar a

pesquisa de campo que inclui a observação participante ou a entrevista estruturada e que no meu caso seria este ultimo método com perguntas subjetivas ao casal por achar que primeiramente seria uma entrada neste universo tão diferente, utilizar meu conhecimento de significados nesta ordem social que estou estudando e tentar que as pessoas observadas relatem suas experiências de como participam deste comportamento ainda tão contestado pela sociedade.

Minha primeira observação foi se houve algum motivo mais importante para participarem deste tipo de relacionamento, o marido fala que o casamento deles estava se desgastando com o tempo, pela convivência de trinta anos, dos problemas normais que a vida proporciona, na criação dos filhos, na falta do interesse sexual um pelo outro e com isso ele “pulou a cerca” e sua esposa descobriu, e ficou aquele clima de separação ele se justificou dizendo que não era por falta de amor, mas sim do interesse sexual que não estava tendo com ela, por causa justamente desse tempo de casados. Nesse momento a esposa tomou a palavra dizendo que não aceitou sua justificativa, mas ponderou por causa dos filhos, família, parentes.

Depois de conversarem bastante sobre esse problema, ele mostrou sua participação em um site de relacionamento que ele tinha um perfil e ela ficou perplexa com a quantidade de pessoas que faziam seu uso e se relacionam por meio deles, e depois de um tempo com a insistência, ela aceitou participar e fizeram um novo perfil, mas no começo ela achou muito estranho, por causa de sua educação, os dogmas religiosos quando homem e mulher casam-se, que seria um relação de um para o outro até que a morte os separe, a dona de casa que fica esperando o marido chegar do trabalho, essas coisas de um casal considerado normal para a sociedade.

Contudo ao mesmo tempo percebia que o marido gostava dos comentários que faziam sobre o casal, ele começou a tirar fotos dela com roupas sensuais, de lingerie, foi se soltando adorando os comentários e a navegar também por essa rede, começaram a visitar *sexshop*, a comprar brinquedinhos, roupas como fantasias de empregada, de enfermeira e percebeu que seu marido ficou mais prestativo, ficou mais próximo dela, realmente a relação foi apimentada por isso, até que resolveram em uma viagem que iriam fazer a São Paulo na visita a parentes que iriam visitar uma casa de *Swing* e com a concordância dos dois não haveria nenhum envolvimento com outros casais num primeiro momento, seria mesmo só para analisar e observar o comportamento dos casais.

A esposa estava mais a vontade de falar como estava vivenciando tudo aquilo, relatou que ficou apreensiva e procurou não ir com uma roupa muito chamativa, e gostou muito como foram recebidos pelos donos da casa de *Swing* que foi logo perguntando se eles já tinham ido a alguma casa deste tipo depois de falarmos que era nossa primeira vez, nos levou a um lugar mais reservado dizendo que ali nós poderíamos ficar mais a vontade por ser um lugar restrito a casais sem experiência.

Assim que estávamos acomodados um casal se apresentou e que foi informado que era nossa primeira vez assim como eles queriam só observar, ficamos conversando e logo apareceu uma atendente dizendo que se nos quiséssemos observar outros casais nos conduziria a uma sala onde poderíamos ver alguns casais que gostam de ser observados. Foi um susto pra mim mesmo

sabendo que ali era apropriado pra isso, vendo aqueles casais transando, apesar de não saber quem era de quem, pra mim foi muito estranho, eu que nunca tinha feito sexo na frente de ninguém, que sempre achei e também fui criada para um sexo ser feito na intimidade do casal, num quarto, numa cama entende, nem falar sobre minha intimidade com as amigas este tipo de coisa, naquele momento quis desistir daquilo tudo, mas percebi que meu marido estava gostando e me pediu pra ser mais resistente, que não faria nada que eu não quisesse.

Nesse momento, o marido toma a palavra, percebeu que ela estava chocada, então a abraçou e disse a ela, calma, amor, nós só estamos tendo a primeira experiência, é normal, tem outros casais também passando por isso. Mas ela me puxou pra fora da sala e voltamos para o bar junto com aquele casal que nos abordou, foi difícil pra ela tentar entender como aquilo tudo estava acontecendo conosco, se precisaríamos mesmo participar disso para ser um casal feliz se eu aceitaria ver ela com outro homem, se também aceitaria eu com outra mulher. Foi difícil esse começo, ela percebia o meu interesse real que não era o mesmo dela.

Neste primeiro momento como é um costume de casais *swinger* o marido sempre é o mais interessado, que foi uma troca pela sua traição, mas que o casal como mesmo disse tinha dado uma guinada para melhor no relacionamento, eram mais companheiros, e estavam conversando para entrar em outros universos do swing.

E quais seriam esses outros universos? Adão relata que tem swing entre mulheres bissexuais e homens heteros, mulheres heteros e homens bi, como no meio chamam de “Inversão” e mulher e homens bi, que existe a balada liberal, o casal liberal, só exibicionismo, no qual eles se encaixavam, o ménage masculino e feminino e o voyeurismo, mas que há um receio deles de entrar no universo do ménage a *trois* masculino, porque existem homens casados que querem participar, mas quando são indagados sobre suas esposas respondem: A minha não, ela não aceita, ela nem sabe que faço isso, já aconteceu isso com amigos nossos, então a sua não, mas as dos outros pode, coisa bem machistas.

Indaguei qual a opinião deles de como esse tipo de relacionamento é encarado em Alagoas, por ser uma cidade de médio porte, onde em tese todos se conhecem e se alguém mais íntimo de vocês, se algum familiar, amigos que não são do meio liberal sabem e se já houve problemas com isso. Comentaram que no começo desses três anos não se relacionavam com ninguém da cidade justamente por causa disso, com receio de alguém com quem possam se encontrar, não saibam respeitar a discrição, o respeito, as vontades e quando querem vão para Recife onde existe um lugar de encontro de casais muito conhecido, ou São Paulo mesmo. Mas agora que estão com um pouco mais de experiência, com mais entendimento sobre o que é ser um casal liberal, procuram fazer uma triagem com quem querem ter um encontro.

O marido disse que na primeira vez que realmente houve uma troca depois de muitas só observando ficaram muito tensos, mas com a experiência que o outro casal tinha e por serem da mesma faixa etária e com algumas bebidinhas inclusas, se soltaram mais e que foi muito prazeroso, e que a partir desse encontro, resolveram se relacionar exclusivamente com casais da mesma faixa etária falados no meio liberal “casal maduro” e hoje em dia estão convincentes que foi uma ótima escolha em participar deste “universo” e se sentem um casal mais completo, unido

e encaram esta conduta de maneira serena, respeitosa, com confiança entre eles, dentro dos limites de cada um e logicamente entende ser um modo diferente de encarar um casamento dentro de uma sociedade tida como normal, mas mesmo assim a vida de casal deles melhorou muito.

Suas respostas foram sempre de esclarecer e elogiar a conduta deles como um casal liberal, tentando mostrar que estavam felizes por optar pelo *swing*, para demonstrar o amor um pelo outro, em continuarem juntos. Para a minha primeira experiência na etnografia realizada num campo de entrevistas semiestruturadas fiquei meio inibido principalmente quando se aborda um assunto considerado tabu pela maioria das pessoas, o termo sexualidade e principalmente o troca de casais, que para muitos atores é considerado um absurdo.

Em um dos meus estudos especificamente na disciplina de pesquisa qualitativa, fomos chamados para fazer um trabalho sobre o interlocutor aquele que participa de um diálogo, interagindo diretamente com outras pessoas de diferentes tipos de comunicação. Em suma o interlocutor é qualquer indivíduo que fala com outro ou que fala em nome dos outros, recebendo o *feedback* da pessoa com quem se comunica. Nesse exercício será preciso construir o perfil de um interlocutor cuja história de vida seja significativa para minha pesquisa sobre o *swing* em Alagoas, uma prática ou um adultério com consentimento.

16 DE MAIO DE 2019 – RAFAEL - SUELI

Com alguns contatos que já estava estabelecendo, um casal se prontificou a contar sobre suas vidas de um modo específico, desde quando não se conheciam, até quando começaram a namorar e participar do meio liberal que é o *swing* por eles praticado. Seria interessante eu gravar essa conversa, eles aceitaram desde que eu me compromettesse com o sigilo desta gravação e os deixei falar o que quiserem, usando a interlocução.

O marido na presente data é um profissional liberal, 55 anos, prestes a se aposentar, boa situação financeira, morando em Maceió, são da região Sudeste e vieram morar na cidade em 2002, na época ele estava com 42 anos, com ele sendo transferido para assumir um cargo de consultor na empresa a qual trabalha. Sua esposa teve que abandonar seu emprego de enfermeira na época até eles se ajustarem por aqui, por ser um contrato de dois anos, mas está até hoje se efetivando como diretor.

Perguntei a ele se não acharia interessante voltar bem mais atrás, principalmente sobre sua adolescência, ficou pensativo dizendo faz tempo. Indaguei como começou sua vida sexual, afetiva, para poder definir suas fantasias sexuais. Desde menino sempre fui muito intenso nas imaginações, apesar de ser de uma família religiosa em que o sexo antes do casamento era pecado, que a masturbação causava doenças, esse tipo de argumento, que o sexo era pouco falado em casa, e o que se aprendia era na rua com os meninos da turma.

O que ele guarda com muita clareza e precisão, foi quando seu pai estava com uma doença terminal, tinha 11 anos e junto com seu irmão quatro anos mais velho ficaram sobre os cuidados de uma tia casada com o irmão de sua mãe, foram meses e meses com seus tios, que se mudaram pra sua casa. Estava empinando uma pipa sentado no meio fio da calçada em frente quando percebeu que tinha sentado em cima de um formigueiro, aquelas formigas pretinhas que judiam mesmo, então saiu correndo e sua tia o colocou dentro de uma banheira com água e álcool e começou a dar um banho nele e ele se excitou, tendo um ereção e sua tia nem se incomodou, continuou e ele sentiu o que se chamava na época pelos amigos de uma cocegazinha e foi ali que começou a entender o que seria uma masturbação.

Depois foi um dia que entrei no quarto e vi essa minha tia nua, foi bruscamente reprimido “saia daqui menino” e confesso que foi ela a primeira mulher realmente que vi nua que me inspirava nas minhas fantasias, mas era tia, era pecado, mas não se importava que em seus pensamentos aquela visão o fizesse ter muitos desejos e que acredita que por isso desde moleque sempre teve atração por mulheres mais velhas eram suas inspirações na masturbação.

Até que com 18 anos, uma sócia da sua mãe que na época estava viúva, tinha uns 55 anos ela fazia bijuterias, essas coisa para reforçar o orçamento entrou no seu quarto e me pegou masturbando, me vendo ali chegou junto e praticamente me iniciou a ter prazer em um relacionamento mais explícito mesmo, em como dar prazer a uma mulher, foram dois anos meu envolvimento com ela, só sexo, não vou te dizer que não me apaixonei por ela, sim me apaixonei, era minha primeira experiência real, ela percebia isso e sempre falava que seria muito difícil essa paixão, porque ela tinha filhos da minha idade, e que não entenderiam como uma Senhora daquela idade iria viver junto com um garoto de dezoito anos.

Dali pra frente minha vida sexual mudou, tinha agora o que achava experiência e sabia lidar com as mulheres e meu apetite aumentou, até conhecer aos 23 anos uma moça, no qual tinha um relacionamento sexual intenso, depois de dois anos de namoro ela ficou grávida e apontando para a mulher “nos casamos”.

Ai sua mulher entrou na conversa e perguntou se eu não queria saber da vida sexual dela, ela estava um pouco incomodada pelo fato de seu marido ser o protagonista da história do casal. Começou dizendo que sempre foi muito reprimida e que teve poucos namorados sérios, eram só beijinhos, abraços e mãos dadas, mas que com 17 anos fazendo cursinho para a faculdade, se apaixonou por um professor bem mais velho e viveram um intenso namoro, foi onde perdeu a virgindade, mas ele era casado e depois que ela entrou na faculdade de enfermagem, ele deu o fora nela, se sentindo enganada, pelas promessas que fazia que iria largar a mulher para ficar com ela, mas depois veio com esse discurso dizendo que gostava da mulher, tinha filhos, essas coisas que alguns homens casados fazem quando somos inocentes. Foi difícil para mim, me senti um nojo e um nojo de homens também, me entreguei de corpo e alma e não fui retribuída na mesma intensidade.

Depois de um ano conheci ele numa festinha e começamos a se conhecer depois a namorar, foi como um consolador, um amigo no começo, estava com ele pra esquecer aquele homem e fui sincera com ele dizendo que não gostava dele, que não era mais virgem e que se

quisesse se aproveitar disso, nem começaríamos a namorar, se quisesse ter um relacionamento mais sério teria que ter paciência, porque não me entregaria assim fácil pra ele. E ele teve viúvo moço foram um ano e meio só nos beijinhos, cineminha, namoro em casa, nem me importava se ele tivesse outra, pra fazer sexo, ele não aguentava mais, mas fui me apaixonando, tendo confiança e depois nos entregamos de corpo e alma um ao outro e estamos até hoje, trinta anos de casados.

Indagando aos dois se tiveram alguma traição nesse tempo todo que estão casados, um olhou pro outro pra ver quem começava a falar, ela novamente tomou o rumo da conversa, dizendo que ele tinha tido um caso com uma outra mulher que trabalhava com ele, que pegou batom na camisa dele, que ele chegava tarde em casa, dizendo que estava trabalhando, mas nunca pegou nenhum flagra assim tipo seguindo, porque também não iria me sujeitar a isso, nessa época nosso casamento estava meio balançado, fiquei arrasada, disse que queria me separar, que não aguentaria uma traição depois de tanto tempo de dedicação a ele e aos filhos, cheguei até a arrumar as malas dele.

O marido disse que foi um descuido e que seu casamento estava na mesmice, já não se relacionavam com frequência no sexo, era tudo muito programado, tinha dia certo pra transar, essas coisas que o casamento de 20 anos traz, era mais uma aparência de casal feliz, mas que no fundo estavam muito distante um do outro.

Foi quando um amigo me disse sobre o *swing*, essa troca de casais, mesmo estando casado com ela achava interessante, fiquei pesquisando, aquilo me excitando, mas como falaria para ela esse tipo de relacionamento, ela não aceitaria nunca, mas nunca sai com casal nenhum, era só por revistas, me comunicava com eles, mas como não tinha uma mulher que aceitasse, ficava só na imaginação, até que depois desse fato que ela contou, criei coragem e fui franco e falei a respeito, me chamou de louco que agora queria arrumar um macho pra ela, que não precisava de mim pra isso, se ela quisesse arrumaria sozinha, que não se sujeitaria a tal vergonha, que tinha família, filhos, essas coisas entendeu. Ai disse a ela que seria uma maneira de nosso casamento continuar sem haver traição, ela nem deu bola.

Foram meses com essa conversa e toda vez ela me chamava de doido, até que um dia trouxe um vídeo sobre o assunto, de casais contando suas experiências, de sexólogos explicando, psicólogos, de como funcionava essa prática, que em um primeiro momento não seria obrigada a trocar de parceiros, mostrei as revistas pra ela sobre como funcionava os encontros, de tanto mostrar e tanto insistir, acho que ela percebeu que poderia ser uma maneira de haver uma confiança num relacionamento de verdade, sem traição as escondidas, mas que só aceitaria sem troca, nem minha com outra mulher e nem dela com outro homem, seria só ficar observando, e no máximo os quatro juntos num quarto, mas sem haver troca.

Nós já morávamos em Maceió, então fomos para Recife numa casa de swing e ficamos admirados com a desenvoltura do local, dos casais, quase todos da nossa faixa etária, do respeito que cada um tinha com o limite do outro, de pessoas maduras que passaram pelo mesmo problema que o nosso, que estão juntos, fazem o que gostam sempre com muito respeito e discrição. Não nos relacionamos com ninguém nesse dia, mas conhecemos pessoas muito legais,

e ela achou muito bom e começamos dali em diante amadurecer a ideia, mas com a condição de nunca sairmos com casais daqui de Maceió num primeiro momento e que sempre em nossas viagens para esses encontros assumíssemos uma personagem diferente da nossa, com nomes trocados e que só de comum acordo no ato do encontro aceitaríamos uma troca com um casal.

Estamos no meio liberal há 10 anos, tivemos poucos encontros, mas muito satisfatórios, temos alguns casais no qual nos relacionamos. Há cinco anos, aqui mesmo de Maceió, conhecemos a família, frequentamos festas juntos, saímos pra almoçar, jantar e vamos a motéis, são casais da mesma faixa etária e com os mesmo desejos. E quando conhecemos casais fazemos uma espécie de conversa, não saímos no primeiro contato, somos exigentes mesmo na escolha, porque já encontramos nesse meio muito casal arrumado, como se diz, são casais que o homem às vezes arruma uma prostituta, às vezes uma amiga que nem são casados, namorados, que a intenção dele é transar com sua mulher, muita gente desonesta e pra nós como para a maioria não é o intuito desta prática.

15 DE JUNHO DE 2019 – PITEKA E PITEKO

Também fui recebido por um casal do interior do Estado de Alagoas, sendo o segundo maior município de Alagoas em habitantes, na primeira entrevista estavam em Maceió e acharam interessante participar com seu depoimento e experiências, o casal PTK como está no seu perfil, participam do *sexlog* há dez meses, estavam na faixa etária de cinquenta anos, mas já são do meio liberal há muito tempo, frequentando casas de swing em outros estados, são casados há oito anos, mas veio de outros casamentos interrompidos, sua mulher que usa o nome fictício de pitequinha, não pôde ter filhos por problemas no coração, relatou que há cinco meses fez uma cirurgia no coração.

O que relatam nesse primeiro encontro é o que geralmente acontece com a maioria dos casais, queriam apimentar a relação, que não estava desgastada, se rotulam como uns casais bem intensos em matéria de sexo, fazem sexo quase todos os dias, quando o trabalho não impede por causa da profissão do marido que é corretor de seguro e faz algumas viagens pelo interior do estado, mas quando estão juntos como ele mesmo disse “o bicho pega”.

Perguntei ao casal como foi o início deles no swing. O marido já participava deste meio no seu primeiro casamento que foi uma coisa natural para os dois, depois de dois anos de casados começaram a se interessar de verdade para realizar esse fetiche, que não teve nenhum desconforto, que tudo correu bem natural entre conversas deles dois, vendo filmes de casais no vídeo cassete, que a coisa foi criando forma e a vontade de ter essa experiência, sempre de comum acordo. Fantasiavam outro casal com eles na cama nas suas relações, até que pesquisando na internet viram o *sexlog* e fizeram o perfil e começaram a se comunicar com outros casais e saíram para o encontro e aconteceu.

No começo eram encontros a cada dois meses sempre com casais diferentes, nunca repetiram os mesmo casais para não haver nenhum envolvimento emocional, sempre tiveram esse receio, então procuravam casais diferentes. Participaram de vários encontros sempre só com

casais, até eu propor fazermos um ménage com mulher, a esposa se sentiu desconfortada em ter outra mulher na relação, era muito ciumenta, mas o engraçado que com casais ela ficava a vontade, então não rolou, propôs outro homem então para fazer o ménage.

Hoje percebo que ela quis me testar, então começamos a interagir com homens, mostrava fotos, comentários deles em suas fotos, até que se agradou de um e marcamos o encontro, foi um desastre, fomos para o motel e ela travou, começou a chorar, dizendo que não o amava mais, que isso era coisa de marido que não respeitava a mulher, coitado do rapaz, ficou todo sem graça, achando que um casal com experiência como dizíamos, passando por esse constrangimento. Enfim, não aconteceu, voltamos para casa e nunca mais se falou sobre o envolvimento em ménage. Depois me separei, por outros motivos e cada um foi viver sua vida até encontrar a pitequinha. Fala você agora meu amor.

Bem eu no meu primeiro casamento, que durou dez anos, era um casamento bem tradicional, tipo igreja, vel e grinalda, namorado de muito tempo, família bem religiosa, mas eu sempre fui muito danadinha, esse meu apelido pitequinha vem desde a infância. Durante meu casamento todo sempre fantasiei com outros homens, mas meu ex-marido era bem certinho, não gostava que eu usasse roupa muito extravagante, me podava mesmo, mas na sua ausência eu gostava de ver filmes pornô escondido dele, alugava filmes e me excitava demais ver a desenvoltura daquelas cenas, chegando ao ponto de ficar molhadinha sem me tocar.

Quando fazíamos sexo procurava fazer o que aquelas mulheres faziam, ele gostava, mas sempre me perguntava onde tinha aprendido aquilo, já que pela minha educação teria que ser aquela mulher, do abrir as pernas e no papai e mamãe e pronto. Dizia que minhas amigas que me falavam que faziam isso com o marido. Percebia que ele gostava, mas me censurava também. Bem até o dia que ele mexendo nas minhas coisas achou um vídeo pornográfico, nossa foi um terror, falou durante a semana toda, como uma mulher casada precisava ver aquele tipo de filme, que aquilo era coisa de mulher da vida, essas coisas.

A partir desse fato nosso casamento deu uma esfriada, falava sempre pra ele que fazia aquilo para ele não precisar procurar outras mulheres, que queria ser dele por inteiro no casamento, e que não tinha nada demais para um casal entre quatro paredes realizar o fetiche de cada um. Mas ele irredutível com seus conceitos não aprovava e que era melhor eu também mudar meus conceitos quanto a um casamento feliz e tradicional. Um chato isso sim que ele era.

Nesse tempo eu não engravidava, então fomos fazer um exame para ver qual era o problema, se era meu ou dele, aí foi constatado que eu tinha um problema de coração e que minha gravidez era de risco. Mas que também tinha um problema no ovário, o médico acreditava que era por ter ficado muito tempo tomando anticoncepcionais. Então resolvemos fazer um tratamento, e fiquei grávida, ah foi uma festa, durante sete meses, até que tive um aborto natural.

O casamento foi desgastando e depois de um tempo nos separamos. Fui viver minha vida e arrumei um emprego na firma do Piteco, como recepcionista, depois vendedora, começamos a viajar junto até que consideramos que seria bom viver juntos também como marido e mulher,

estávamos os dois solteiros, foi aí que começou a conversa sobre essa prática de troca de casais, me falou que já praticava isso com a ex-mulher e que seria muito gostoso, já que tínhamos alguns fetiches parecidos, ele sempre me comprava lingerie sexys, gosta de filmar nossas brincadeiras, edita filmes, temos várias câmeras em casa me sentia como aquelas mulheres dos filmes e me excitava demais depois de ver os filmes.

Fizemos o perfil no *Sexlog* e começamos a nos divertir com os comentários feitos e como trabalhamos juntos e também viajamos aí fica gostoso unir o trabalho e a diversão, sempre que viajamos marcamos com outros casais e também já fizemos ménage tanto com homem como com mulher, eu gosto de todos, mas quem realmente procura o melhor pra nós dois é ele, faz uma triagem mesmo, para não haver problema nenhum, de pessoas inescrupulosas. Até agora não tivemos problemas nenhum, tipo aí não foi bom, também procuramos pessoas que tenham experiências anteriores.

Sentindo eles bem à vontade, como se fosse um desabafo, o marido me perguntou se já tinha participado de encontros pelo *Sexlog*. Já que tinha feito um perfil. Expliquei que era um trabalho acadêmico, como tantos outros de conclusão de curso, mas que como o assunto sobre sexualidade sempre é tão delicado, principalmente quando se trata desta prática, com tantos conceitos sobre o casamento comum, achei desafiante, poder compartilhar isso, na universidade.

Continuando a entrevista para não mudar o foco, perguntei qual era o perfil de casais desejados por eles, quanto à idade, sócio cultural e econômico, já que no perfil deles são quinhentas e vinte amizades, e o porquê de tantas amizades assim, já que é presumível que eles não saíram com todos.

Buscamos conhecer pessoas, logicamente que nem tempo de sair com esse pessoal todo teríamos, mas procuramos casais, mulheres e singles descompromissados, entendeu se os singles ou as mulheres foram noivos, namorando e querem sair sem a presença dos respectivos parceiros, nem precisa entrar em contato, porque uma coisa que não toleramos, é a traição, achamos que participamos desse tipo de prática, para que a traição?

As maiores de nossas amizades são de fora do estado, mas fica só como amizade mesmo, batemos longos papos pelo chat, às vezes fazemos *cam* usando o *skype*, sempre com casais com mais de trinta anos para cima, mas temos amigos trans, temos *singles*, mulheres, mas gostamos mesmo é de nos mostrar pelos vídeos e fotos, mas temos sim entre eles alguns casais e singles que já vieram aqui pra nossa cidade ou até pra nossa casa passar um fim de semana.

Deve saber que o Estado de Alagoas é muito preconceituoso, procuramos selecionar e escolher bem com quem nos relacionamos. Temos um casal aqui da nossa cidade que virou nosso amigo de verdade, aquele tipo de amigos de infância.

A pitequinha gosta de coroas, adora um grisalho, de garotas novinhas também, pra mim se for bom parceiro, sem problema nenhum, só procuramos pessoas higiênicas, educadas e sociáveis, que gostem de sair pra barzinho antes, um bom papo e que saiba tratar uma mulher, porque eu trato muito bem da minha. Em relação a quem se sente mais atraído por essa opção na troca entre vocês, como uma unanimidade do casal, os dois têm o mesmo sentimento de atração.

Indagados sobre monogamia e poligamia, aonde eles se encaixariam, ficaram pensativos e se consideraram monogâmicos, porque até o momento nunca teve uma reação emocional maior que só a do sexo, porque para eles no momento eles criam um personagem e somente depois de ter mais intimidade, quando vira uma amizade, é que eles se comportam como realmente são na vida real, mas que é gostoso fantasiar que a cada encontro que realizam procuram outras maneiras de se comportar, de se vestir, principalmente ela com roupas, lingerie, brinquedinhos, jeito de falar, como uma personagem que eles gostam ela de colegial como se fosse uma menina ingênua, nós homens gostamos disso.

Sobre os limites de cada um varia-se conforme como o outro casal se comporta, têm alguns que se pode tudo tem outros, que não se sentem bem com algumas práticas, tipo a mulher ser tratada como puta, o marido de corno, há sempre um diálogo antes, que tem que ser respeitado nesta prática, para não ter constrangimento.

No fim deste diálogo comentei o fato de eles estarem nesse “mundo liberal”, se dentro da família como eles são vistos, se for o caso, de a família deles saberem que eles praticam o swing, a pitequinha disse que seria impossível e até inviável, a família aceitar o comportamento deles, apesar de algumas coisas eles ficam curiosos, inclusive quando fomos a uma praia de nudismo na Paraíba, nossos parentes perguntaram como nos comportamos, alguns acharam legal, outros acharam uma sem vergonha, que um casal não é pra se sujeitar a este tipo de coisa, que isso que aquilo, é muito desinformação da maioria das pessoas. Eu tenho um primo e a mulher dele que são do “meio” liberal, que por acaso me viu no *sexlog*, e nos reconheceu, mas somos primos e não rolou nada, só troca de experiências mesmo.

22 DE JUNHO DE 2019 – JAIR E SUSAN

Neste meu diário de campo houve um contato por meio do *sexlog*, pelo *chat* de mensagens uma mulher que quis conversar comigo perguntando se realmente eu estava fazendo uma pesquisa ou se era um jeito de se aproximar para ter um encontro. Com minha explicação que era um trabalho acadêmico só isso, ela achou interessante e falou que gostaria de contar a história dela.

Esses diálogos foram durante três dias e coloco os trechos todo como se fosse uma conversa ininterrupta, no próprio link do *Messenger* que é possível deixar a conversa arquivada, avisei desse fato e concordou em não apagar as partes da escrita dela, para conversarmos de onde interrompemos.

Acredito que pelo fato de mostrar meu rosto e não ter fotos publicadas aguçou a curiosidade dela e de outros casais, principalmente pela mesma faixa etária desses casais. Ela com 57 anos, seu marido 65 anos, mas não participa dos encontros, fica só olhando e tirando fotos, um *voyuer* assumido. Eles começaram a participar do *sexlog* há um pouco mais de um ano, por intermédio de uma amiga de infância dela, que hoje mora na Amazônia, mas que quando veio passar umas férias em Maceió, contou essa novidade pra nós.

No primeiro momento achei estranho, mas depois que me mostrou as fotos e o *sexlog*, comecei a achar interessante e fizemos um perfil, só para exibicionismo, para me mostrar um pouco da minha intimidade, quando comecei editar fotos, achei incrível a quantidade de mensagens e de solicitação de amizades que recebo principalmente de rapazes bem novinhos tipo de 19 a 23 anos que adoram mulheres experientes e como não sou assinante, não dava pra responder todas, meu marido que respondia as mensagens, mas era só para conversar, perguntava o que eles queriam comigo.

Meu marido começou a ficar viciado, e pediu para eu começar a conversar com os interessados, mais para ver o que eles escreviam que fariam comigo, do que para um encontro mesmo, escreviam de tudo, mandavam foto, me pediam foto, queriam conversar pelo vídeo, se mostrar pelo vídeo, as roupas que eu estava vestindo, se tinha gostado das fotos, que estavam loucos por mim, ah isso mexe com a libido de qualquer ser humano, principalmente nós mulheres que estamos já com a idade um pouco avançada, que nosso corpo não é aquele imaginário da maioria destes garotos.

Todo dia à noite abríamos o *sexlog* e ficávamos os dois juntos vendo e escrevendo a conversa, algumas delas sem noção, com pessoas falando palavrões, alguns me xingando de velha, ele de frouxo, pra eu ir para um asilo, isso é normal nas redes sociais, mas chateiam de verdade. Essas pessoas a gente bloqueava, que é um fator importante no *site*, porque estamos aqui para conhecer pessoas e não necessariamente ter encontros, como explicava no perfil. Mas em sua maioria sempre foi um papo muito gostoso e aquilo excitava a ambos.

Esse foi o primeiro contato que tive com ela em especial, deixei uma pergunta pra ela me responder no outro dia, Vocês já tiveram um encontro real ou só ficavam na conversa pelo *sexlog*?

Até que conhecemos um casal do Rio de Janeiro que viriam passar uma semana aqui em Maceió e que gostariam de nos conhecer pessoalmente. O casal estava na faixa dos 40 anos e muito bonitos, o perfil deles também era exibicionismo, que gostavam de fazer sexo no mesmo ambiente sem ter a troca. Trocamos varias mensagens até acertarmos um encontro quando eles estivessem por aqui.

Perguntei a ela se não achava melhor falar pelo *WhatsApp*. Ela me passou o número e tive acesso pra melhor conversar por áudio.

No dia marcado estávamos ansiosos e nervosos, seria nossa primeira vez, conversávamos diariamente sobre isso, de como seria esse encontro. Fomos a um *shopping* e na hora marcada trocamos fotos e nos encontramos, ficamos na área de alimentação conversando por umas duas horas, trocando ideias, sobre os filhos, a cidade, as praias legais, até chegar sobre o sexo e as preferencias, até então eles achavam que éramos experientes, por causa da idade, e quando souberam que era nossa primeira vez, ficaram em silêncio e perguntaram se era realmente aquilo que nós queríamos, porque tinham tido algumas experiências anteriores com casais de primeira viagem e não tinha sido nada agradável.

O que vocês decidiram?

Meu marido disse que estávamos conscientes do que estávamos fazendo, e que como não haveria troca, não via problema algum e que deixaria eles a vontade para decidirem se sim ou não. Perguntaram se gostaríamos de ir para algum lugar específico, na nossa casa, no hotel onde estavam hospedados, para um motel, que nós achamos melhor por ser uma área neutra. Tudo acertado e a ansiedade me consumiam como será que nos comportaríamos nesse encontro, mas o casal nos deixou bem tranquilos e foi uma noite muito legal, vendo aquele casal transando e também sendo observados por eles, foi uma experiência incrível para um primeiro encontro que se sucedeu outra vez que fomos à praia juntos, me dei muito bem com a mulher dele, ela contando os encontros que eles tinham e que a maior tara do marido dela é ver com outro sem ele participar.

Até hoje conversamos pelo *sexlog*, agora com mais intimidade e algumas novas experiências. Sugerir que me contassem como depois desse primeiro encontro, como encaram esse tipo de comportamento?

Ah hoje estamos muito mais seguros do que estamos fazendo, apesar de que sabemos como é importante a privacidade, o sigilo, o respeito porque temos família, fica difícil algum deslize que possa nos comprometer, teve uma vez que um rapaz mandou uma foto dele de rosto, era um amigo da faculdade de minha filha, ainda bem que nossa foto não nos mostra para que possa reconhecer, imagina se ele não manda a foto e vamos ao encontro, por isso nos precavemos muito.

EU: Você disse um rapaz, estão tendo encontro com homens sozinhos também?

ELE: Sim não te disse que é o fetiche dele, mas só quando o rapaz tem um local para encontro, na casa dele, ele me leva e depois de três horas vem me buscar, e fica curioso querendo saber de todos os detalhes.

Como foi, se gostei, mostro as fotos que tiramos me excita também saber que ele gosta de ver sua mulher com outro. Os rapazes se dedicam comigo, para mostrar que é melhor na cama do que meu marido, mas sempre respeitando meus limites até hoje nunca tive problema nenhum como violência, me tratar mal, mesmo eu estando no território dele, que sabemos que é muito arriscado hoje em dia, mas esta adrenalina me excita também. A última vez fizemos até ao vivo pela chamada de vídeo pra meu marido ver. Acredito que ele se sente muito bem em ver a mulher dele com um rapazinho me satisfazendo.

EU: Ele não sente receio que possa haver em um desses encontros uma reação emocional maior que só o sexo, o fetiche, porque pode acontecer e você também não tem esse receio de encontrar uma pessoa que possa despertar uma paixão, por exemplo?

Você sabe que outro dia estávamos falando nisso, o risco que podemos correr é real, a vida prega cada surpresa e na prática eu corro esse risco mais que ele, porque sou eu que estou lá, já tive propostas de virar amante fixa de um rapaz, sem meu marido saber, é tentador, mas eu nunca traio meu marido na real, antes de participar, não vai ser agora acredito, mas corremos esse risco sim.

Até comentei que poderíamos arrumar uma mulher só para ele sair sozinho, como que uma igualdade de prazer, mas ele ficou de pensar e disse que é meio complicado para um homem na idade dele, com algumas limitações quanto ao sexo e que as mulheres procuram é um homem viril é difícil para se encaixar nesse perfil. E que as mulheres levam vantagem nesse quesito, sempre tem um homem disponível que se encaixa no perfil das mais velhas e que o contrário é mais limitado, dou um pouco de razão, mas pensamos em testar novas investidas, como por exemplo, mulheres que gostam de sair com casais para ficar também com a mulher.

EU: Você aceitaria outra mulher numa relação bi?

Estamos pensando, nunca fiquei, mas sabe a mulher sempre tem mais intimidade com outra mulher, pode até acontecer, quando era adolescente uma vez eu e uma amiga brincamos as duas, só pra ver como era, mas ela fazendo o papel de meu namorado, era o homem, foi diferente e não vou te dizer que não foi gostoso, foi só uma vez, nos divertimos, demos muita risada, achamos engraçado, não nos sentíamos lésbicas, isso foi o mais interessante, apesar de que naquela época era um preconceito muito grande, hoje estão mais liberadas, as pessoas estão sendo mais compreensivas, a sociedade também está se comportando melhor a respeito de sua opção sexual.

EU: O que mais incomoda nesse contato pelo *Sexlog*?

O que mais nos incomoda são as insistências de pedirem número de *WhatsApp*, da plataforma de *skype* e por mais que falamos que nosso contato é só pelo *sexlog*, insistem demais, que acaba se tornando repetitivo com cada participante. Outra coisa, quando são pessoas daqui de Maceió, quer saber onde moramos se podem vir na minha casa, até outro dia um deles queria ver uma foto da minha família, se tinha filha, que a vontade dele era sair com mãe e filha, essas coisas chateiam demais, parecem que não leem nosso perfil, o que realmente procuramos.

EU: Perguntada se achava que esta escolha melhorou o casamento ou iria melhorar a relação?

Foi bem esclarecida dizendo que o casamento deles estava um pouco monótono, não que haveria algum problema na relação, mas que foi uma apimentada gostosa, saber que mesmo depois de tanto tempo de casados, ainda poderiam desfrutar de um algo a mais, e está sendo diferente e gostoso, até nossa relação sexual melhorou, hoje estamos descobrindo novos fetiches que estavam guardados em nossas mentes que nunca tínhamos conversado antes, estamos mais abertos um com outro, mas que não pode virar uma rotina participar destes encontros, tipo um vício em querer experimentar tudo, então acredito que melhorou sim.

EU: Comentei com ela que acharia interessante falar com o marido, para saber como está sendo na visão dele em separado:

Prontificou-se a falar e que me avisaria pelo *Messenger*. Perguntada sobre como escolheu o nome do perfil que se intitula “só eu quero”, que faz a imagem que só você quer, deixando de lado a vontade dele. Na verdade esse nome foi ele que escolheu, por achar que dizendo isso era ele que queria só ver a mulher com outro sem sua participação. E no começo era assim mesmo o que pensávamos em fazer, já tentamos mudar de nome, mas teríamos que fazer outro perfil, então deixamos o nome assim mesmo.

Interrompemos o dialogo nesse momento, falou que esperava ter me ajudado na minha pesquisa, mas que precisava fazer os deveres domésticos, que sua rotina ainda continuava ser de uma mulher com família, filhos e netos. E que me avisaria a respeito do marido querer também participar e que se quisesse poderíamos continuar num outro momento.

Depois de dois dias recebi no *Messenger* a confirmação do marido que poderia conversar comigo e marcamos um horário ele me chamou para conversar pela plataforma. Relatou que tinha lido toda nossa conversa e que confirmava tudo que a esposa relatou, mas que estava à disposição para mostrar o que pensava sobre a participação dele para minha pesquisa, se realmente fosse uma pesquisa acadêmica e se suas identidades fossem mantidas em sigilo. Confirmei mostrei a ele que cursava a docência com meu comprovante de matrícula e que meu interesse era só de fazer uma entrevista.

Foram três dias de entrevista no mesmo modelo com que fizera com sua mulher, com interrupções e sempre voltando a partir de onde tínhamos terminado. As respostas para as perguntas iniciais como a que levou ele a participar coincidiram com a da mulher, como relatei acima, como outras de quem partiu a iniciativa, como foi à primeira vez, mesmo sendo outro olhar mais ameno, com mais segurança da parte dele, em querer realizar esse fetiche de ficar olhando, porque ficava excitado em imaginar sua mulher com outro, seja ele casal, ou um homem só, ficava observando os homens olhando sua mulher quando estavam na praia e aquilo o excitava, mas que nunca tinha falado nada pra ela, por achar aquilo estranho em comentar.

EU: Me conta como é esse fetiche de *vouyer*?

Logo no começo do casamento, era bem novinha tudo no lugar uma delícia, não que hoje não seja ainda, mesmo aos 57 anos, estávamos em uma festa junina e percebi que tinha um cara tarando mesmo minha mulher, ela dançando do lado da mesa com uma roupa bem sexy, e quando foi no banheiro a abordou, ela se esquivou mostrando a aliança de casada, comportei-me como se não tivesse visto e ela também não falou nada acho que preocupada com minha reação, quando voltamos pra casa na hora da relação, comentei o fato, ela me olhou e disse “Você tá querendo me arrumar um macho agora, fiquei todo sem graça, realmente a mulher não precisa que arrumem macho para ela, guardo isso na minha mente até hoje, ficamos uns dias estranhos um com outro.

Mas sempre me excitava em imaginar, mas não era uma obsessão, era só um fetiche mesmo, que guardava para mim, às vezes comentava com os amigos se aconteciam com eles

também, alguns reagiam de uma forma mais ríspida e outros nem queriam pensar nisso, que isso era coisa de “corno manso” e que homem que é homem não aceita isso.

EU: Como você reage com a esse estigma de corno manso?

São coisas realmente da minha geração, mas o que mais via era homem ser corno, até entre esses meus amigos, alguns deles perdoaram a mulher, outros não, mas a marca recai sobre o homem de maneira intensa, que a culpa é da mulher é desculpa, para mim a culpa é do homem na maioria das vezes em tratar mal, até com violência, de também achar que a mulher tem que ficar em casa cuidando dos filhos e o homem poder ter outras mulheres, então tem esse ditado, que mulher não trai se vinga e em alguns casos faz questão que o marido saiba.

EU: Perguntado sobre se em algum momento houve uma desconfiança do casal em traição:

Que o homem sempre desconfia, mas muitas vezes é só na imaginação e vira caso doentio, sempre tive muita confiança, sempre fomos muito apaixonados um pelo outro, ela gosta muito de dançar e em alguns casos quando estamos em festa da família, sempre tem uns cunhados, amigos que pedem pra dançar, sempre dei muita liberdade para ela sair com as amigas dela, praia, forró, viajar com as amigas e parentas sem minha presença e o mesmo acontecia dela comigo.

EU: Sobre o receio de que em um desses encontros aconteça uma reação emocional maior que só o sexo, já que aconteceram encontros sem sua presença:

Acredito que depois de tantos anos de casado não vai se envolver com ninguém emocionalmente, somos muito maduros e conversamos muito sobre isso antes de optarmos em participar, depois de ela relutar um pouco aceitou, partiu de mim a ideia, foi como se eu realizasse aquele fetiche meu de muito tempo atrás. Mas lógico que nada é muito certo na nossa vida, pode acontecer, espero que não aconteça, já que temos a liberdade de escolher juntos.

EU: A relação de vocês melhorou agora que participam ou não mudou muito?

Para mim tá normal só tem mais confiança um no outro, falamos mais sobre o assunto de fetiches, pesquiso bastante, compartilho, vemos entrevistas de casais que participam, acho que estamos mais inteirados sobre o assunto do que quando iniciamos, temos nossas limitações e procuramos seguir essa regra de fazer tudo de acordo como que podemos aprender.

Uma coisa que me desagrada é essa coisa de chamar a mulher de puta, o marido de corno, não aceitamos, porque não nos encaixamos nesse perfil, tem alguns que gostam, respeito e tudo bem, mas acho muito desmoralizante, não precisa disso para se ter prazer, pelo menos na minha opinião e na dela também.

EU: Para você quem se sente mais atraído nessa opção?

Acredito que comigo aconteça um sentimento mais forte, ela sabe disso, até comentei com ela que sempre tive essa vontade, apesar de que com ela, não tenha rejeição, também está curtindo esse nosso novo modo de ver a sexualidade, está sendo reviver para o sexo na nossa idade.

Agora assistimos vídeos pela internet, *lingeries* novas, fantasias de fetiche, vamos a motel, o que fazia tempo que não fazíamos depois que nos casamos, estamos curtindo um pouco mais a vida, agora que os filhos estão encaminhados, temos o nosso dia para ter os encontros, gostaríamos de participar mais vezes, mas a família de vez quando impede, tá sendo bom.

EU: Vocês se previnem contra doenças que esse tipo de relacionamento pode ocorrer?

Sim, sempre com camisinha, apesar de que na nossa época não era muito comum usar, mas nos cuidamos, exigimos isso dos parceiros e também tentamos escolher bem as pessoas, apesar de não temos certeza do que as outras pessoas fazem, mas procuramos sempre pessoas que tenham poucos parceiros (as), acho que já é um modo de prevenir, mas estamos correndo um risco e quem não aceitar a usar camisinha nem conversamos e nunca aconteceu de não quererem usar.

EU: Sobre a família não saber, como vocês convivem com isso?

Relatou que, apesar de ser uma dificuldade para manter isso em sigilo, acredito que como estamos tendo uma experiência nova, fico imaginando como existem casais. Há tanto tempo neste âmbito liberal, qual o olhar da família sobre o fato, já conversamos sobre isso, em algum momento, vamos ter que interromper esse fetiche, para não correr esse risco de ser visto como um casal diferente, isso nos incomoda com certeza.

EU: Seu fetiche de voyeur não o faz também de sentir vontade ver ela com outra mulher?

Engraçado não, apesar de que todo homem tem esse lado de participar com duas mulheres, já conversamos sobre isso, estamos amadurecendo essa ideia, já tivemos propostas de mulheres sozinhas, mas ainda não aconteceu, nem com os casais porque foi tudo combinado antes de não ter o bi feminino e nem masculino. O casal amigo nosso que nos mostrou o *sexlog* o marido é bissexual.

EU: Como foi a primeira experiência com aquele casal do Rio de Janeiro?

Depois de nosso primeiro encontro com aquele casal, que foi muito excitante, apesar de nossas limitações, eles com mais experiência, a ideia ficou mais amadurecida, gostei de tudo que envolveu o encontro, da forma como nos relacionamos, sem pressa, sem euforia, apesar de estarmos ansiosos antes, era como se fosse uma coisa natural, pelo menos tentamos demonstrar, e estava convicto que seria como foi, um encontro agradável, com um casal agradável, deu tudo certo.

EU: Vocês usam algum personagem quando vão ao encontro?

Concordamos de não usar um personagem como alguns casais fazem no meio liberal, fomos como somos realmente, falamos de nossa família para eles, de como estava sendo essa

primeira experiência, acredito que nem saberíamos fazer isso. Vemos muitos casais que fazem desse jogo outro modo de encarar, alguns gostam que a mulher se transforme numa prostituta, são fetiches diferentes, eu respeito, mas não é o que queremos e nem procuramos fazer disso um personagem.

EUO que vocês acham interessante quando navegam pela rede?

Gostaríamos de ver os vídeos, ter mais acesso as mensagens, ver as *lives* que são limitadas em dois minutos e duas por dia, mas para isso precisa ser assinante, temos opiniões diferentes, gosto de ver os casais que tem o título de “esposa dos outros” ela tem a preferencia de ver perfil de homens que gostam de estar com as mulheres de outros, esses são os que mais vemos.

EU: E porque não assinam? Acham que é um custo inútil ou tem medo de se exporem dando informações que poderiam prejudicar o sigilo de vocês?

Acredito que o valor é até acessível, quando se paga por mês, aparecem muitas promoções no primeiro mês, como não somos de ter muitos encontros, frequentador assíduo de um encontro, percebo que casais são sempre a sua maioria, não vejo necessidade de assinar, mas é um caso a se pensar e sobre as informações o *sexlog* é muito bem elaborado, você se expõe se quiser.

EU: Enfim procuram outros sites existentes no mesmo molde?

Sim já procurei, mas achei muito fraco, com menos conteúdo e também não sou muito adaptado com o computador, sou bem leigo mesmo, sei mexer o suficiente, ela que é um pouco mais inteirada, mas é complicado quando faço alguma coisa que não dá certo, fico nervoso que alguma coisa dê errado. Outro dia mesmo precisamos chamar um rapaz para arrumar o computador, que me perguntou quem usava o computador, porque estavam vendo conteúdos pornográficos que tem vírus demais. Aí a culpa foi para os filhos.

Nesse momento a entrevista foi encerrada por causa acredito de uma queda da *internet* dele ou também pode ter sido que alguém possa ter chegado onde ele estava.

Enfim tenho mais diálogo com esse casal até o momento desta pesquisa e irei me aprofundar mais nesse assunto, até foi marcado com eles uma entrevista presencial, porque acredito que possa extrair mais deles sobre o assunto principalmente por eles serem um casal da minha faixa etária, e poder explorar sobre o assunto de como as pessoas intituladas da “melhor idade” convivem com suas sexualidades.

CONCLUSÃO

O termo conclusão em si, seria de muita complexidade, pois significaria que o assunto estaria encerrado e jamais para um pesquisador sobre o tema sexualidade e gênero, nunca seria conclusivo. A justificativa para minha pesquisa foi sobre esse comportamento dos casais *swingers* exclusivamente em Alagoas que tem como a prática a troca ou não um motivo para saber como houve a iniciação deles, bem como a permanência na interação.

O objetivo da pesquisa ao ser atingido fez me acreditar que este tipo de relacionamento é encarado de diferentes maneiras por cada um e pela sociedade, que diferente de décadas passadas encaravam o casamento como uma união estável e monogâmica.

Conforme as entrevistas foram acontecendo, justamente para poder transmitir aos leitores se estes comportamentos são parecidos entre eles, com uma regra instituída a ser seguida pelos participantes, como uma sociedade secreta.

Nessas suposições, será que esses casais praticam por necessidades de apimentar uma relação desgastada, pela infidelidade de algum dos membros do casal, por emoção em algum momento ou realmente pelo fetiche de ter outros parceiros com o consentimento de todos e também o advento das redes sociais pela facilidade de acesso a essa informação, o casamento se torna mais aberto às aventuras e não vira aquela rotina cotidiana e esse incremento pode ser uma simples troca de casal, um *ménage* tanto feminino como masculino, ou simplesmente olha o parceiro(a) tendo prazer com outro(a) que na linguagem do mundo liberal tudo se resume ao *swing*.

Contudo o problema enfrentado foi a abordagem que a pesquisa em si representa, falar de sexualidade, de intimidade com um desconhecido no caso o pesquisador, não se torna fácil para alguns, há um conflito interno a ser vencido dentro de cada interlocutor e a resposta quando ultrapassa o conflito interno consegue-se fluir para uma definição.

Como o uso dos roteiros de perguntas foi de enorme utilidade para cada um dos interlocutores entrevistados, sem definição de gênero e como foi importante fazer um perfil sociológico de cada participante distinguindo sua condição econômica, raça, idade, escolaridade, estado civil, demonstra que o mundo liberal está aberto a qualquer nível de sociedade.

As maiores dificuldades da pesquisa foram que estávamos passando por uma pandemia do Covid-19, então se tornou difícil para um trabalho de campo mais efetivo, sem as entrevistas presenciais se tornou impossível para uma melhor coleta de dados, em um segundo momento recorri as redes sociais para essa coleta.

Enfim, acredito que por todas essas dificuldades e também pela cooperação de todos interlocutores até o momento estou a disposição para continuar essa pesquisa num futuro trabalho de continuação dos meus estudos e minhas pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS:

BRENO, Philippe; *Elogio da Masturbação*. Trad. Lidia Amaral, Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Santos, 1998.

CATONNÉ, Jean-Philippe; *A sexualidade ontem e hoje*. trad Michele Iris Koralek, - 2ª ed. – São Paulo, Cortez, 2001 – Coleção Questões de Nossa Época: v. 40.

DAMATTA, Roberto; *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*; 5ªed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 151 p.

_____; *O que faz o brasil, Brasil?*, Rio de Janeiro: Rocco,

DEL PRIORE, Mary (org) *História das mulheres no Brasil*; Carla Bassanezi Pinsky (coord.de textos), 10 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Ed. Contexto, 2012.

_____; Histórias Intimas/Mary del Priore:sexualidade e erotismo na História do Brasil, São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2015.

FREYRE, G. Casa Grande e Senzala. São Paulo: Global, 2003.

_____. Sobrados e Mocambos. São Paulo:Global, 2006.

GAGNON, John; *Uma interpretação do Desejo, Ensaios sobre o estudo da sexualidade* Rio de Janeiro, Clam/Garamond, 2006, p. 65-240.

GEERTZ, Clifford, “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa de Cultura”. In: “*A Interpretação das Culturas*”, Rio de Janeiro; Guanabara Koogan, 1989. p 13-45.

GOLDENBERG, Miriam. “Sobre a invenção do casal” *Estudos e pesquisas em Psicologia*. Vol.1, nº 1, p.89-104.

HARAWAY.D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Caderno Pagu**, n.5 p.7-41, 1 jan. 2009.

MEINERZ, Nádía Elisa. Um olhar sexual na investigação etnográfica: notas sobre o trabalho de campo e sexualidade In: BONETTI, Alinne. Entre saias justas e jogos de cintura. Rio Grande do Sul: EDUNISC, 2007, s/p.

PARKER, R.G. “*Corpos, Prazeres e Paixões*”. São Paulo: Best Seller. 1991.

PRADO, Danda; *Esposa, a mais antiga profissão*, 2ª Edição, Editora Brasiliense, pg. 17 a 162.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudeia; *Antropologia das Emoções*. Editora FGV 2010, 136p. (Coleção FGV de bolso Serie Sociedade e Cultura).

SILVEIRA, R. M; *Nem tudo é possível, e muita coisa é obrigatória: um estudo da prática de swing em Goiânia*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

TEIXEIRA, Marina Duarte; *Swing: Troca de Casais ou troca de mulheres?* Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco – Recife, 2015.

WEID, Olivia van der; *Perdoa-me por te trair: um estudo sobre a infidelidade feminina*. Revista Habitus, Rio de Janeiro, Vol. 2, n-1. P. 49-59, 2004. Disponível em: < www.habitus.ifcs.ufrj.br> . Acesso em 16 de set. 2019.

_____, Adultério consentido: gênero, corpo e sexualidade na prática do swing. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

_____ Masculino e Feminino na prática do swing (online). Sexualidade, Salud, Sociedad. Revista Latino Americana nº 3, p. 106 – 129. Disponível em: <http://sexualidadesaludsociedade.org>. (acesso em 20/11/2015).

VELHO, Gilberto. *Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.